

ACESSE EM
MEDIUM.COM/FOTOCRONOGRAFIAS

V. 10 n. 24
2024

PRODUÇÃO
UFRGS E BIEV

INVENTÁRIOS CAMINHANTES

E-ISSN 2595-3559

foto *crono* grafias

Editores

Ana Luiza Carvalho da Rocha, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Cornelia Eckert, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Fabricio Barreto, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — fabricio_barreto@gmail.com
Felipe da Silva Rodrigues, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — felipe.editoracao@gmail.com
Olavo Ramalho Marques - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Brasil - olavoramalhomarques@gmail.com

Comissão Editorial

Camila Braz, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — caamilabraaz@gmail.com
Guillermo Gómez, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — guillermorosagomez@gmail.com
José Luis Abalos Junior, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — abalosjunior@gmail.com
Nicolas Marino Barbieri, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Brasil

Conselho Editorial

Angela de Souza Torresan, University of Manchester, Inglaterra
Carlos Masotta, UBA, Argentina
Carmen Sílvia de Moraes Rial, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Christine Louveau de la Guigneraye, Centre Pierre Neville, Université d'Évry-Val-d'Essonne, Maître de conférences en communication, França
Daniel Daza Prado, IDES, Argentina
Daniel S Fernandes, UFPB, Universidade Federal do Pará—Campus Bragança
Fernando de Tacca, Unicamp, Brasil
Flávio Leonel da Silveira, Universidade Federal do Pará, Brasil
Gisela Canepá Koch, Departamento de Ciencias Sociales de la Pontificia Universidad Católica del Perú, Perú
Jesus Marmanillo, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
João Braga de Mendonça, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Luciano Magnus de Araújo, Universidade Federal do Amapá, Brasil
Luiz Eduardo Achutti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Milton Guran
Paula Guerra, Universidade do Porto, Portugal
Renato Athias, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Rumi Kubo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Sarah Pink Instituto Real de Tecnologia de Melbourne, Austrália
Sylvaine Conord, Université Nanterre, França

Organização

Jessica de Souza Andrade (PPGAS/USP)
Ricardo Luis Silva (SENAC/SP)

Fotos da Capa e Contracapa

Leonardo Eichinger; Priscila Bellotti e Ana Claudia Camila Veiga de França.

Diagramação e Editoração

Felipe da Silva Rodrigues (BIEV/UFRGS)

foto *CRONO* grafias

INVENTÁRIOS CAMINHANTES

www.ufrgs.br/biev/
medium.com/fotocronografias
fotocronografia@gmail.com
+55 (51) 3308 6647

Sumário

v.10 n.24

INVENTÁRIOS CAMINHANTES

**Das listas, inventários, catálogos, coleções e enciclopédias:
registros caminantes de uma sobrevivência das imagens** 7

Jessica de Souza Andrade, Ricardo Luis Silva

Arqueologias Efêmeras 15

Ivan Padovani, Nathalia Lavigne

Projeto RUA — Arte e cidade: práticas e montagem 35

Priscila Bellotti

**As caixas de correspondência:
da aparência a resistência ao desvanecer** 53

Carolina Carmini Mariano Lúcio

Coisas amarelas no final da tarde 67

Ana Claudia Camila Veiga de França

Mundo em quatro quadras: andanças e maternagem 83

Alline Alves Nakamura

O Corpo na Cidade: Caminhadas e Conexões Urbanas 105

Lucas Silva Pamio

No Corre 119

Leonardo Eichinger

**Entre trajetos e trajetórias estudantis
da Educação de Jovens e Adultos** 143

Katiuci Pavei

**O samba em torcidas organizadas: narrativas caminantes,
(sobre) vivências imagéticas que não ganham manchetes** 161

Roberto Souza Junior

Postales de relocalización 181

Romina Olejarczyk

**Como aprender com as folhas invasoras da reitoria
da Universidade Federal da Paraíba?** 197

Candice Didonet



2024

v.10 n.24

Das listas, inventários, catálogos, coleções e enciclopédias: registros caminhantes de uma sobrevivência das imagens

Jessica de Souza Andrade¹

<https://orcid.org/0000-0001-6150-6732>
<http://lattes.cnpq.br/1105250221912823>
jessica.souza.andrade@usp.br

Ricardo Luis Silva²

<https://orcid.org/0000-0002-6191-8662>
<http://lattes.cnpq.br/5996607827204401>
ricardo.lsilva@sp.senac.br

1 - Mestranda em Antropologia Social pelo PPGAS/USP com a pesquisa em curso Os sentidos do Olido: dinâmicas culturais e transformações urbanas numa centralidade paulistana, sob orientação do Prof. José Guilherme Magnani. Bolsista FAPESP, coordenadora do grupo de estudos NAU Cidades-USP e idealizadora do projeto Nau-Cine, pesquisadora vinculada ao LabNAU (Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo), integrante do corpo editorial da Revista Cadernos de Campo, na mesma instituição e sócia fundadora do estúdio Ceda el Paso.

2 - Professor doutor em crítica, estética e leituras urbanas no curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário Senac SP desde 2013. Formado Arquiteto pela UFSC em 2005, investiga o cotidiano da Cidade, suas temporalidades, seus personagens ordinários, conflitos e constituições subjetivas dos indivíduos urbanos. Atua como caminhante urbano (Trapeiro), garimpando possíveis arqueologias do sensível dentro dos rastros da modernização tecnológica contemporânea através de coleções de objetos encontrados e fotografias de coisas “sem qualidade”. Destes registros surge a “COLEÇÃO DAS COISAS”, registros de objetos ordinários e acontecimentos cotidianos, já publicados em 10 fotolivros (independentes e via financiamento coletivo). É co-fundador do Estudio Ceda el Paso.

Introdução

A revista *Fotocronografias* em sua 25ª edição traz como temática os inventários, os catálogos, as coleções e as enciclopédias, todos entendidos como elementos de tentativas de ordenar e organizar o mundo. Mapas multidimensionais, de tempo e espaço, das experiências e “encontros” dos seres caminhantes e exploradores da vida cotidiana nas/das cidades contemporâneas. O convite feito pelos editores ao *Estudio Ceda el paso* continha uma provocação irrecusável: atrelar importantes eixos de atuação do estúdio: o caminhar como prática e método, a materialização física e subjetiva do espaço urbano e dos cidadãos que a vivenciam, tanto na perspectiva das leituras urbanas provenientes da Arquitetura, quanto daquelas leituras feitas em campo, implicadas no cotidiano de diferentes territorialidades, a fim de aproximar-se das práticas, dinâmicas, redes, trajetórias de vida e sociabilidades desses múltiplos atores sociais via ferramentas provenientes do fazer antropológico. As listas e agrupamentos catalográficos resultados dessa postura ao encarar o espaço urbano contemporâneo, complexo e multifacetado, se configuram como elementos indiciais, vestígios que indicam e apontam possibilidades de compreensão de nossa presença e relação com o mundo.

O caminhar. O visível. O invisível. O antropólogo e o cotidiano

Francesco Careri, na introdução do seu livro *Walkscapes: caminhar como prática estética* (2013), pontua que desde o início da vida humana o ato de atravessar o espaço nasce da necessidade natural de mover-se na busca do alimento e das informações necessárias para a sobrevivência. Mas, uma vez satisfeitas as exigências primárias, o caminhar transformou-se numa fórmula simbólica que tem permitido que o homem habite o mundo e modifique os significados do espaço atravessado. Sendo o percurso uma das primeiras ações estéticas que adentrou os territórios do caos, construiu assim um novo modo sobre o qual se tem desenvolvido a arquitetura dos objetos situados. (Careri, 2013).

No último século o caminhar passou a ser utilizado como prática artística para experimentos de deambulações no espaço. A cidade tornou-se um local ideal de coleta de matéria-prima para muitos artistas, intelectuais e pensadores, por abrigar uma diversidade de indivíduos, cenários e relações, construindo uma vasta teia de estímulos afetivos, sonoros e visuais. “A cidade passou pelo crivo da experiência subjetiva, que a mediou segundo os seus próprios afetos e paixões — constituídos ao frequentar os lugares e ao escutar as próprias pulsões — e confrontou-os com os de outras experiências subjetivas” (Careri, 2013, p.92).

O ato de caminhar produz arquitetura e paisagem e vem ganhando visibilidade e relevância pelos poetas, filósofos e artistas “capazes de ver aquilo que não há, para fazer brotar daí algo” (Careri, 2013, p.18). A provocação que se coloca neste ponto, a partir da perspectiva de Careri é que os cientistas sociais, e mais especificamente o antropólogo urbano, esta persona também é capaz de ver aquilo que não há para fazer daí uma interpretação (Geertz), uma leitura possível, distanciada de tipificações generalizantes e apreensões superficiais ou meramente quantitativas. Logo, o caminhar pode ser entendido como um ato, uma prática autônoma que é capaz de tangenciar áreas diversas, dentre elas a Antropologia, e deste modo pode-se apreender o caminhar como também uma prática etnográfica.

Um dos aspectos fundamentais do caminhar é que, por meio dele, é possível inventar outras modalidades de percepção e leitura dos espaços públicos das cidades, para pesquisá-los e torná-los visíveis. Caminhando ativamente nesse território das alteridades, o pesquisador coloca o corpo em contato direto e irremediável com os rastros de subjetividades, interações, conflitos e disputas, temporalidades e tantos outros aspectos dos imponderáveis da vida urbana, como diria Lévi-Strauss.

O que se pretende é indicar o caminhar como um instrumento estético com potencialidade de descrever e transformar os espaços que muitas vezes apresentam camadas e interrelações que ainda podem ser compreendidas e preenchidas de significados. A experiência do caminhar captura o visível e o invisível da paisagem, das experiências vividas, forjando uma arte do cotidiano. O que nos possibilita pontuar que a experiência do caminhar, munido de um olhar etnográfico/antropológico para o espaço urbano e seus cidadãos, captura o visível e o invisível da paisagem, das relações, disputas, negociações, justaposições [...] compondo uma mirada duplicada, que busca equilibrar o *de perto* e *de dentro* e o *de fora* e *de longe* (Magnani, 2012), tecendo uma malha de múltiplas tramas, o cotidiano.

Tentativas de ordenar e organizar o mundo

Num mundo que está bem adiantado em seu caminho para tornar-se um vasto garimpo a céu aberto, o colecionador se transforma em alguém engajado num consciencioso trabalho de salvamento. (Sontag, 2004, p. 91)

Como conceito, colecionar é parte integrante de formulações humanas como a Memória, a transformação das palavras em linguagem, o desenvolvimento e aproximação da criança com o mundo. Colecionar é ato de rememoração, produção do conhecimento histórico, descontextualização de objetos no espaço e no tempo. Colecionar é reivindicar para si a possibilidade de possuir o mundo, mesmo apenas uma parte insignificante dele, ou até me relacionar distancadamente com o Outro, no caso de coleções de objetos antigos ou encontrados e recolhidos. Colecionar é catalogar, inventariar, organizar, descontextualizar, ressignificar, recriar, reexistir. Colecionar é “desinvestir” o objeto de seu sentido utilitário, é dar-lhe outro lugar no mundo dos objetos. Colecionar é ativar gavetas, arcas, baús, caixas. Colecionar é caminhar, frustrar-se, insatisfazer-se, continuar. Colecionar é um gesto filosófico, um portar-se perante, um exercício de memória prenhe de porvir, um olhar para o passado e para o futuro simultaneamente.

O que realmente ocorre, o que vivemos, o restante, todo o demais, onde está? O que ocorre a cada dia e volta a cada dia, o trivial, o cotidiano, o evidente, o comum, o ordinário, o extraordinário, o ruído de fundo, o habitual. Como dar conta dele, como interrogá-lo, como descrevê-lo? (Perec, 2008, p. 22-3)

Façam o inventário de seu bolso, de sua bolsa. Questionem-se sobre a procedência, o uso e o destino de cada um dos objetos que vão sacando. Perguntem a suas colheres de chá. O que existe embaixo do seu papel de parede? Quantos gestos são feitos para discar um número de telefone? Por quê? Porque não encontramos cigarros nas lojas de comida? Por quê não? (Perec, 2008, p. 24)

É possível buscar similaridades entre coletas, listas, catalogações, inventários e uma narrativa visual? uma forma fotográfica de relato de campo? Este último termo, (relato de campo) referindo-se a labuta do antropólogo, portador de cadernos, diários e não raras vezes, um

coleccionador de discursividades, registros fotográficos, desenhos, mapas e distintos vestígios simbólicos que o ajude a construir suas teorias vividas (Peirano, 2004), que o ajude a encontrar profícuos caminhos e direções de apreensão de suas experiências.

Leituras praticadas enquanto se caminha, passo após passo de um corpo em permanente enfrentamento e inquietação contemporâneos. E na acumulação desses “registros caminhan-tes”, uma conseqüente vontade de reordenar o caos da vida, do corpo, da caminhada, da cidade. Tentativas de ordenamento e sequencialidade, articulação, combinação e invenção de mundos, de tempos vividos, de percepções anotadas. Listas, inventários, catálogos, coleções, enciclopédias [...] agrupamentos múltiplos de imagens, sistemas narrativos via fotografias reunidas.

Os ensaios enquanto caminhos: uma escolha narrativa de percorrer as cidades

Recebemos, após a chamada aberta e pública, diversos trabalhos de alta qualidade estética e conceitual, do qual selecionamos, com a ajuda de pareceristas, 11 artigos para serem publicados na edição 25 da revista. São conjuntos fotográficos em formas de listas, inventários, catálogos, coleções e/ou enciclopédias de experiências antropológicas, etnográficas, artísticas, investigativas, contemplativas, ociosas, realizadas a partir de caminhadas e explorações lentas do mundo social, da vida cotidiana, das relações sensíveis e das formas intersubjetivas que cartografam (até a forma “atlas” caberia aqui) as espacialidades, as temporalidades, as experiências praticadas e as dinâmicas constituídas entre seres (humanos e não-humanos), coisas e lugares.

Em todos os trabalhos, o caminhar foi entendido como método de incorporação do mundo, e inventariar como forma de tentativa de ordenamento e frágil apaziguamento (mesmo que momentâneo) das permanências, dos vestígios, das transformações e das diferentes possibilidades de existência, seja da práxis, da paisagem, do gesto... do vivido, afinal. Para o sequenciamento dos ensaios selecionados, adotamos também um gesto caminhante e colecionador. Convidamos o leitor a caminhar pelos ensaios como se caminha pela cidade. Quem sabe até uma cidade desconhecida, nova, estrangeira.

Nossas primeiras impressões são para coleções e inventários dos elementos visíveis, palpáveis, concretos, indiscutivelmente presentes. Começamos, talvez bastante freudianos, com o ensaio **Trauma**, de Ivan Padovani. Um inventário de elementos colossais de concreto, em suspensão na paisagem urbana, esperando para serem retomados e incorporados numa aparente obra sem fim das infraestruturas construídas nas cidades.

Dele seguimos com o ensaio intitulado **Projeto RUA — Arte e cidade: práticas e montagem**, de Priscila Bellotti. Um ensaio onde a coleta de fragmentos, quase como arqueologia, dos tantos cartazes e papeis que são diariamente colados sobre quase todas as superfícies das cidades, inclusive nas grandes colunas registradas por Ivan, que vão sendo ressignificados ao se tornarem suporte de impressão de novas fotografias. Imagens também capturadas durante caminhadas inventariantes, mais fragmentos de cidade. Fragmento sobre fragmento. O grande no pequeno, no banal e descartado.

Dessa coleção continuamos para outra, também de elementos ordinários do cotidiano das cidades. Carolina Carmini Mariano apresenta o ensaio **As caixas de correspondência: da aparência à resistência ao desvanecer**, um inventário crítico preocupado com a topografia das coisas na pele da cidade. Nas fotografias de Carolina é possível resgatar indicialmente como nós, cidadãos, nos relacionamos — ainda que em resistência ou mesmo no puro esquecimento habitual e desinteressado — com esses elementos transicionais entre público e privado, numa fresta entre o que é de fora com o que é de dentro de casa, um portal de recepção das comunicações da rua com a casa, de diferente temporalidades.

Adiante em nossa caminhada, reconhecemos nas fotografias de Carolina uma conexão direta, via a cor amarela presente em várias das caixas de correspondências, com a coleção proposta por Ana Claudia Camila Veiga de França no ensaio **Coisas amarelas no final da tarde**. A escolha do amarelo como tema inventariante da lista relaciona o caminhar com duração dos dias, como por exemplo na iluminação do final de tarde, onde se misturam luzes da cidade e raios do pôr do sol. O inventário “ganha corpos” ao encarar e explicitar a condição do corpo caminhante num sentido duplo, tendo em vista a relação de maternagem. Uma condição de cuidado que, em grande parte, atrela-se mais facilmente ao feminino, em decorrência de estruturas machistas e hierárquicas no contexto social.

O mesmo tema encontra-se no ensaio **Mundo em quatro quadras: andanças e maternagem**, de Aline Alves Nakamura. Aqui, além da temática similar, o corpo em estado de maternagem é colocado em tensão, justamente por considerar os esforços, as distâncias percorridas e as experiências possíveis estando com uma criança pequena no colo. Um detalhe interessante é a potência do auto retrato iniciando o ensaio, que remonta Vivian Maier, colocando em evidência o corpo-mãe, a explicitação de um implicar, no registro e no relato da autoria, de uma corporalidade com gênero, raça e marcador social.

Seguindo com a temática do corpo-caminhante, temos o ensaio **O Corpo na Cidade: Caminhadas e Conexões Urbanas**, de Lucas Pamio. O trabalho se apropria da elaboração de listas a partir de caminhadas e experiências urbanas. Além de categorizar os registros realizados, organiza a coleção a ponto de o leitor poder estabelecer sua própria linha de comparação e narrativas cruzadas. Caminhos distintos, em cidades distintas, trazem recorrências e potenciais associações de imaginários e fabulações urbanas.

Das conexões urbanas temos também o ensaio **No corre**, de Leonardo Eichinger. Um trabalho fotográfico e narrativo que vislumbra uma cartografia do cotidiano do cidadão anônimo em forma de pequenos quadros de uma rotina alienante e repressora das subjetividades. Que, ao mesmo tempo, enfatiza a beleza da repetição ou a possibilidade do encontro sublime no ordinário e banal dos momentos encadeados da vida urbana. O texto apresentado versa com a poesia e cria um paralelo equilibrado entre imagem e palavra.

Com as mesmas intenções cartográficas, o ensaio de Katiuci Pavei, **Entre trajetos e trajetórias estudantis da Educação de Jovens e Adultos articula uma cartografia humana**, numa convergência entre retratos pessoais e trajetórias de vidas compartilhadas no ambiente de sala de aula — não qualquer ambiente, uma sala de EJA onde se insere um conjunto sensível

de fragilidades, superações e compartilhamentos que tange profundos aspectos subjetivos. O registro das fotografias de cada aluno e suas respectivas pastas trazem uma consciente intenção do ato catalográfico, principalmente quando são anexadas as caligrafias de cada indivíduo. Uma catalogação individual que posta em coleção potencializa o coletivo dessa travessia de ensino/aprendizado.

Na parte final do grupo de ensaios que integra esse percurso caminhante, nota-se uma atenção etnográfica mais evidenciada para processos que, recorrentemente, repousam na invisibilidade ou são selecionados arbitrariamente para uma efusão de consumo midiático e espetacularizado. No ensaio **O samba em torcidas organizadas: narrativas caminhantes, (sobre) vivências imagéticas que não ganham manchetes**, de Roberto Souza Junior. A provocação de se distanciar de uma perspectiva classificatória e generalizadora acerca dos modos como os membros dos grupos da Gaviões da Fiel e Mancha Verde mobilizam sociabilidades, dinâmicas e práticas que vão além de uma leitura vinculada única e exclusivamente ao futebol e samba. As imagens agenciam o observador/leitor a percorrer estes espaços gregários onde cruzam-se afeto, memória, festividade, religiosidade, política e vínculos que ultrapassam a consanguinidade.

Se Roberto, no ensaio anterior, evidencia o que não sai nas manchetes, o ensaio **Postales de relocalización**, de Romina Olejarczyk, nos faz imaginar o que acontece após uma efetivação de remoção e conseqüente deslocamento e mudança de moradias e pertences. O que se vê é um mobilizar de símbolos, coletas de trajetórias de vida, pertences que encontrarão um novo locus. A coleção fotográfica organizada pela autora nos permite observar camadas de outras coleções em deslocamento. Olhar para o inventário de Romina é reconhecer gestos humanos, movimentos mecânicos, indícios de uma intimidade, vestígios de uma vida vivida que não cessa com a demolição das casas, mas segue ativa e pulsante de novas coletas.

E se começamos com uma questão “traumática”, que frequentemente tendemos a abandonar nos nossos inconscientes — individuais e coletivos — finalizamos a caminhada com o retorno do que foi recalçado. Uma volta da possibilidade, uma pulsão de vida que supera traumas, exclusões, retiradas, faltas, supressões, opressões, violências. Um ensaio que tem a provocação estampada imediatamente em seu título. Nomeando o trabalho com uma pergunta, Candice Didonet nos convoca a seguir caminhando em busca das possibilidades da sobrevivência na cidade e no mundo. Em **Como aprender com as plantas invasoras da reitoria da Universidade Federal da Paraíba?** vemos um vislumbre de resistência e força que a natureza opera em resposta indisciplinada ao controle e cerceamento de práticas e dinâmicas cotidianas impenetrado pelo sistema de controle disciplinar e ordenado de arranjos neoliberais. Didonet sugere, por meio de suas imagens, um convite a outras cosmologias, aguçando o imaginar para além dos limites impostos.

Enfim, o ato etnográfico, o caminhar e a fotografia enquanto potente recurso narrativo criam novas maneiras de tecer esta malha de múltiplas tramas que chamamos de cotidiano.

Referências

CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro — trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

PEIRANO, Mariza. A teoria vivida — Reflexões sobre a orientação em Antropologia. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 6, n. 1, 2, p. 209–218, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/16679>. Acesso em: 13 nov. 2024.

PEREC, Georges. Lo infraordinario. Madri: Impedimenta, 2008.

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004..



Ivan Padovani¹

<https://orcid.org/0009-0007-5443-3433>
contato@ivanpadovani.com

Nathalia Lavigne²

<https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0001-6685-0583>
<http://lattes.cnpq.br/6943266349910495>
nathialav@gmail.com

1 - Ivan Padovani nasceu em 1978 em São Paulo/Brasil, cidade onde reside e trabalha. É formado em Administração pela FAAP e Pós Graduado em Fotografia pela mesma instituição. Paralelo à sua atuação como artista visual, Ivan também é professor na Escola Panamericana de Arte. Entre os anos de 2017 e 2020 esteve à frente da gestão do VÃO, espaço independente arte. Foi co-fundador e coordenador do F+, núcleo de formação em artes visuais da Fauna Galeria. Atualmente é gestor do Canteiro, Campo de Produção em Arte Contemporânea.

2 - Nathalia Lavigne atua como pesquisadora e curadora. Pós-doutoranda no MAC USP (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo), possui doutorado pela FAUUSP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo) e mestrado em Teoria Crítica e Estudos Culturais pela Birkbeck, Universidade de Londres. Seus interesses de pesquisa envolvem temas como documentação social e circulação de imagens em redes sociais. Como curadora, organizou exposições como «Against, Again: Art Under Attack in Brazil», Anya and Andrew Shiva Gallery (John Jay College, CUNY, NYC, 2020), e «Tactics of Disappearance», Paço das Artes (São Paulo, 2021). Atualmente é fellow no Käthe Hamburger Kolleg: Cultures of Research (c:o/re) na RWTH Aachen University em Aachen, e desenvolve o projeto After Memory em colaboração com Lisa Deml e Víctor Francelli Capdevila, cuja primeira etapa acontece no formato de um simpósio no zkm, em Karlsruhe, na Alemanha.

Resumo: No ensaio crítico “Arqueologias Efêmeras”, realizado no contexto da exposição Trauma, em 2018, Nathalia Lavigne analisa imagens de obras de infraestrutura paralisadas feitas por Ivan Padovani em São Paulo — uma paisagem quase padrão na cidade, especialmente nos últimos anos que antecederam as transformações urbanas prometidas para a Copa do Mundo, em 2014. Mas ao isolar esses blocos de concreto e vigas metálicas de qualquer outro referencial, as estruturas ganham o aspecto de monumentos, evocando um ideal de transformação que parece ter ficado em suspenso. O texto aponta questões como um estado de suspensão permanente nessas imagens, evocando um presente que se repete na forma de monótonas vigas de concreto e o prelúdio de um futuro imponente, ambicioso, promissor, mas não chegou e não se sabe quando vem.

Palavras-chave: fotografia, arquitetura, ruínas, memórias urbanas, monumentos

Abstract: *In the critical essay “Ephemeral Archaeologies”, produced in the context of the Trauma exhibition in 2018, Nathalia Lavigne analyzes images of stalled infrastructure works carried out by Ivan Padovani in São Paulo — an almost standard landscape in the city, especially in the last few years leading up to the urban transformations promised for the 2014 World Cup. However, by isolating these concrete blocks and metal beams from any other reference, the structures take on the appearance of monuments, evoking an ideal of transformation that seems to have been put on hold. The text highlights issues such as a state of permanent suspension in these images, evoking a present that repeats itself in the form of monotonous concrete beams and the prelude to an imposing, ambitious, promising future, but which has not arrived and no one knows when it will.*

Keywords: *photography, architecture, ruins, urban memories, monuments*

Convém fazer um breve exercício imaginativo ao olhar para as estruturas de concreto e vigas metálicas repetidas em série nas fotos de Ivan Padovani. Que história seria possível contar a partir dessas construções, caso nos deparássemos com elas daqui a mil anos? Se os edifícios e planos de uma cidade são também documentos materiais de uma civilização, que tipo de testemunho revelariam esses esqueletos urbanos congelados no tempo? Estariam inacabados ou semidestruídos, como indicam as marcas da ferrugem metálica escorrida sobre o concreto? Sua vocação monumental seria apenas uma intenção sem muito propósito, ou teriam sido erguidos para de fato celebrar alguma coisa, terminando como monumentos involuntários em homenagem à coisa alguma?

Há um estado de suspensão permanente nessas imagens. Como portais do tempo, elas parecem anunciar o prelúdio de uma nova fase ainda desconhecida. O futuro é imponente, ambicioso, promissor, mas não chegou e não se sabe quando vem. Enquanto isso, segue-se em um presente que se repete na forma de monótonas vigas de concreto, uma ao lado da outra, sob o mesmo céu monocromático com pouquíssimas variações de cinza.

A busca por arqueologias efêmeras de uma cidade que produz suas memórias sem muito refletir sobre o que guarda para o futuro é uma parte importante no processo do artista. Nessa nova série, ele acompanhou, durante dois anos (2015–17), um conjunto de obras de infraestrutura por São Paulo que haviam sido interrompidas nesse período. As construções inacabadas, embora fotografadas em lugares diferentes, parecem ser quase sempre as mesmas — a eliminação de qualquer outro detalhe na composição das imagens reforça esse aspecto. A cidade nunca é vista como um todo, mas em partes desmembradas, em registros aparentemente genéricos de lugar nenhum, não fossem pelos indícios tão familiares que evocam a paisagem urbana da capital paulista.

A repetição e o desmembramento têm também uma relação importante com o título da série e da exposição. Em *O Retorno do Real* (1996), o autor americano Hal Foster desenvolve o conceito de “realismo traumático” baseado na noção de trauma da psicanálise lacaniana, que entende a repetição como uma única maneira de acessar um real que nunca aconteceu; uma tentativa de re4rar todo e qualquer significado das imagens até esvaziá-las completamente.

Na sequência montada logo na primeira parede, Ivan apresenta uma mesma fotografia multiplicada por cinco. Por um instante, olhamos as marcas e camadas que escorrem pela lateral do bloco de concreto tentando encontrar uma mínima diferença entre cada imagem, algum detalhe que indique uma progressão ou continuidade naquela cena, que poderia se repetir infinitamente. A mesma dúvida é apresentada em outros momentos, mas de forma contrária: estruturas que parecem as mesmas, fotografadas de outros ângulos, quando, na realidade, são todas distintas, embora muito similares umas às outras.

“Não há praga urbana que seja tão devastadora quanto a Grande Praga da Monotonia”, escreveu Jane Jacobs em *Death and Life of Great American Cities* (1961), uma das principais críticas ao plano urbano ortodoxo do modernismo. A autora parte de Nova York como exemplo para combater projetos que queriam adequá-la aos moldes do que era entendido como uma “grande cidade” na época, com viadutos e vias expressas atravessando bairros inteiros. Muitas dessas ideias respigaram tardiamente em São Paulo, a partir dos anos 1970.

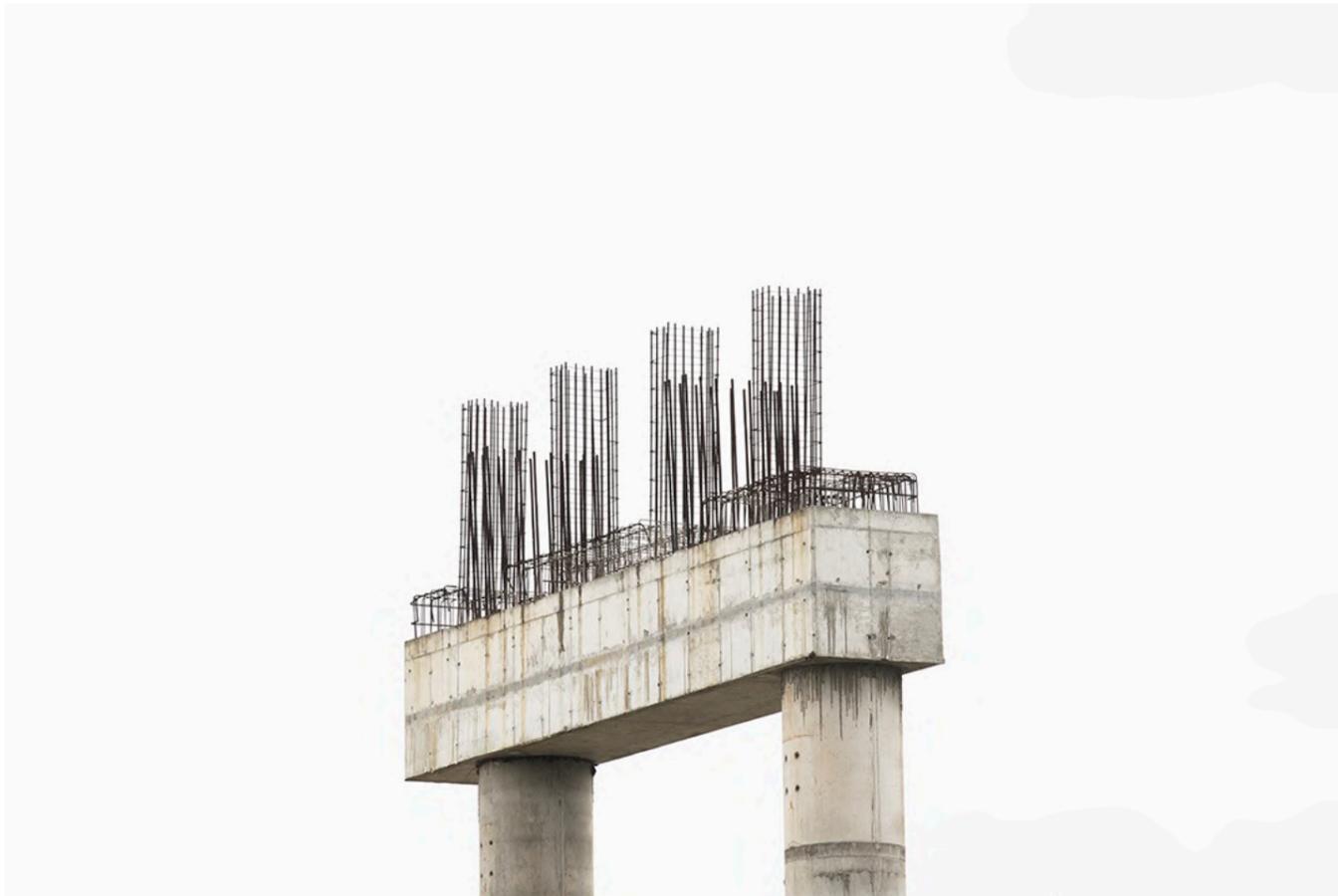
As imagens de Ivan Padovani carregam um pouco da monotonia descrita por Jacobs, em que a falta de diversidade urbana leva uma cidade a ruir soturnamente. E aí restam apenas seus monumentos involuntários, vistos por ninguém. (Nathalia Lavigne)

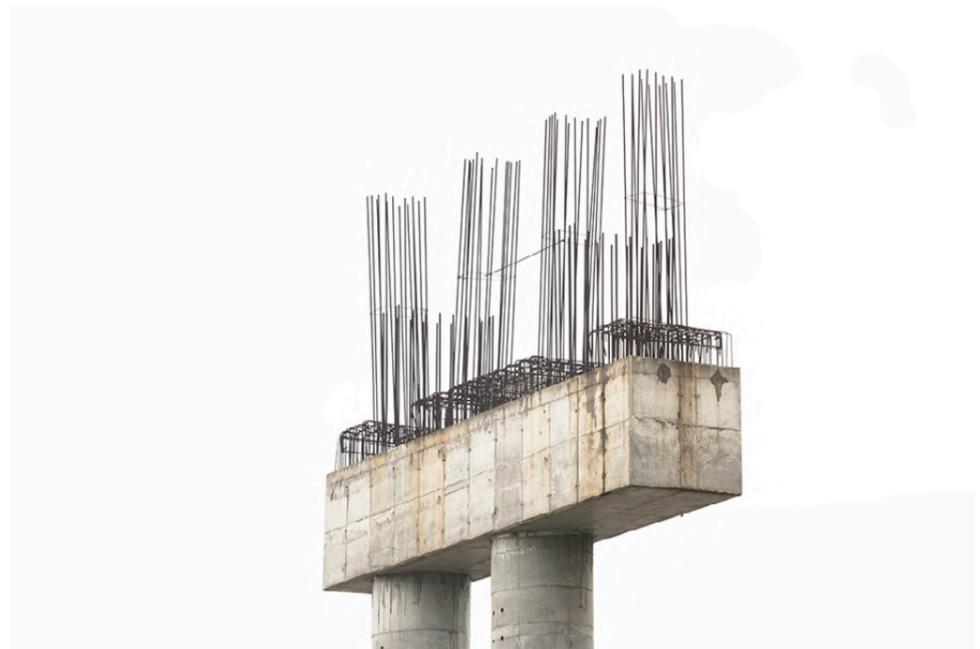
Referências

Filho, M. K., & Eiró, J. L. (2020). Terrane de Ana Lira | Trauma de Ivan Padovani: o discurso do artista, o discurso da obra. *Revista Concinnitas*, 21(38), 470–486. <https://doi.org/10.12957/concinnitas.2020.50325>

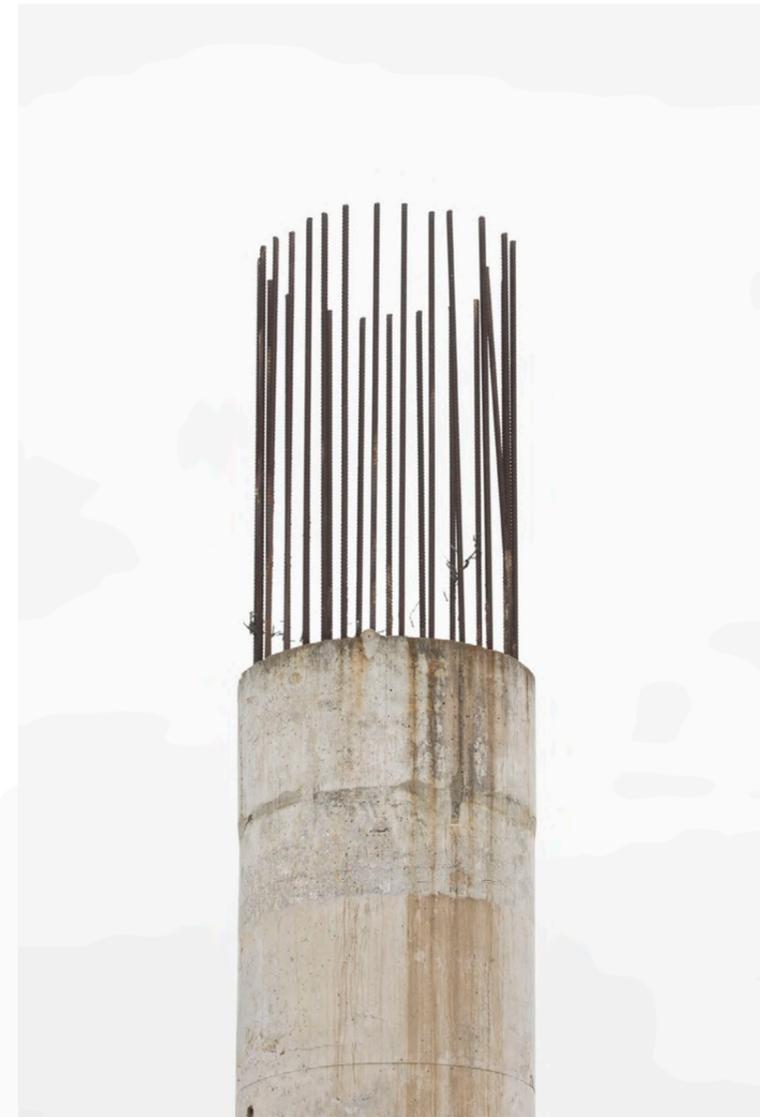
JACOBS, Jane. *The Death and Life of Great American Cities*. New York: Random House, 1961.





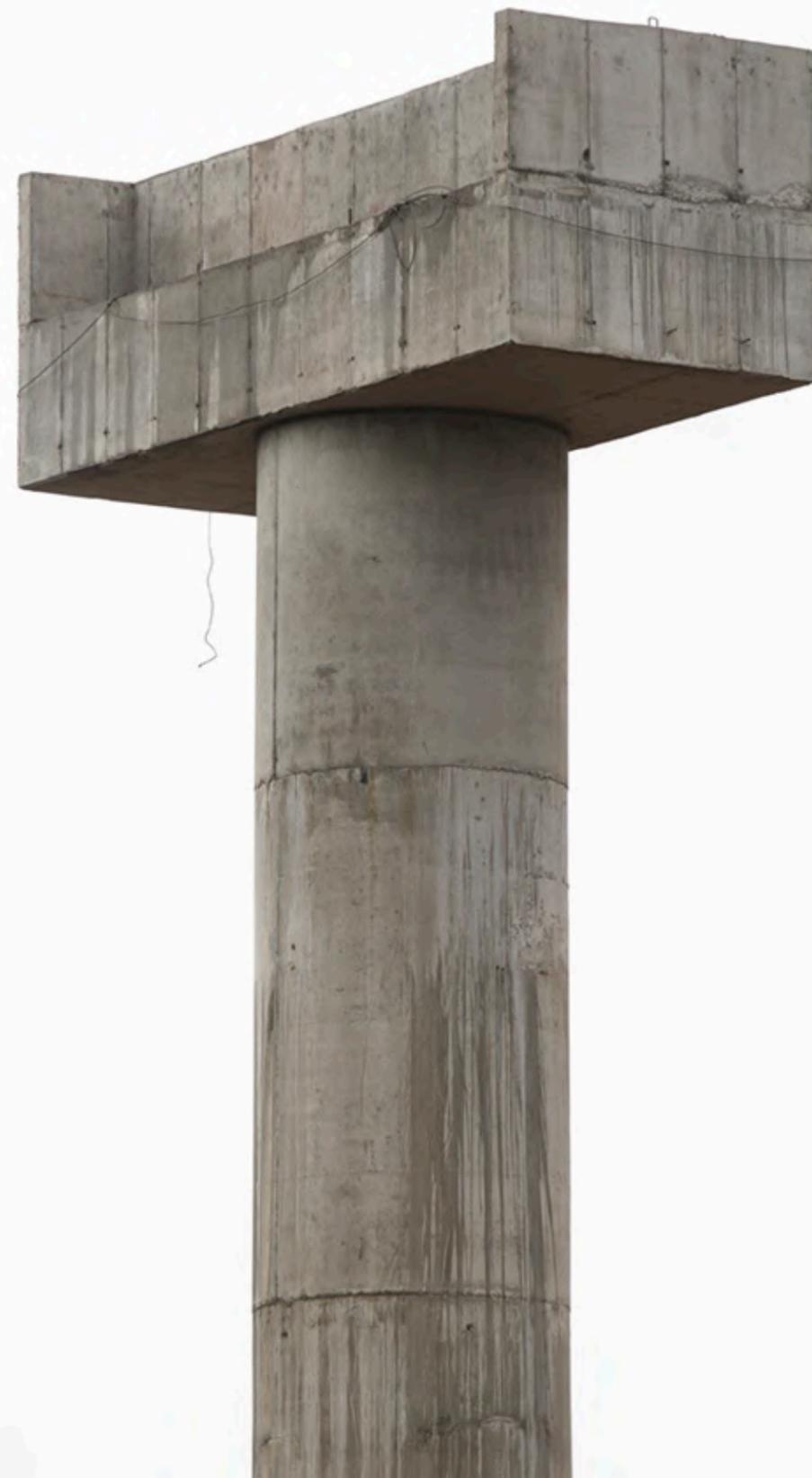
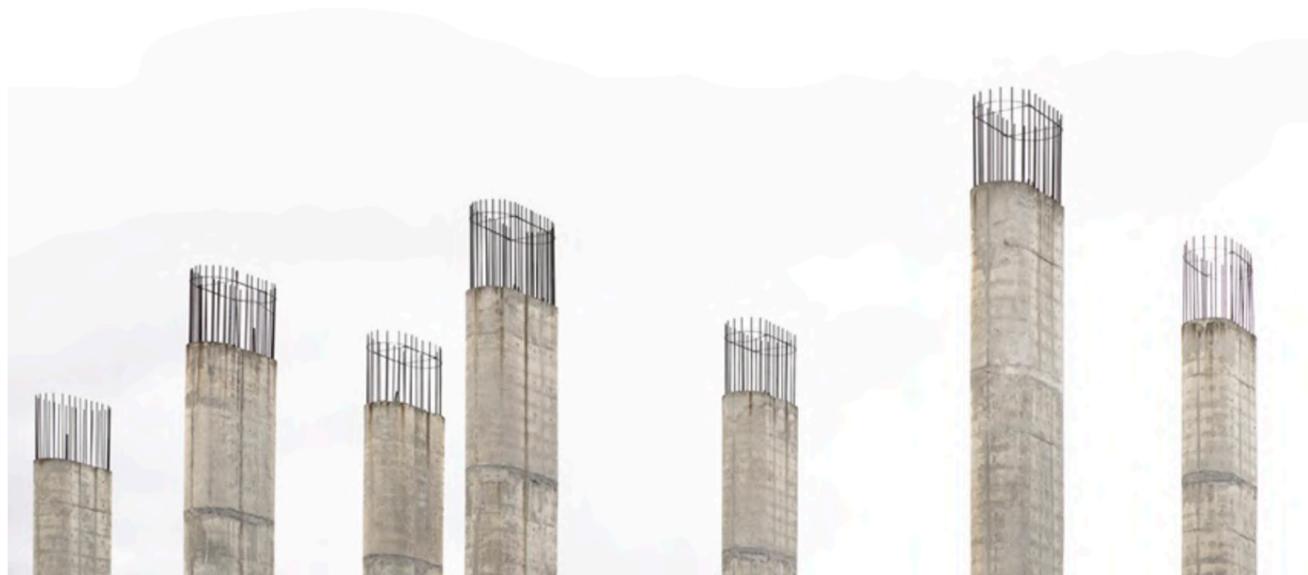














Projeto RUA — Arte e cidade: práticas e montagem

**Projeto RUA — Art and city:
propositions, practices and montage.**

Priscila Bellotti ¹

<https://orcid.org/0000-0003-3968-7252>

<https://lattes.cnpq.br/1781673600543809>

priscila.bellotti@unesp.br

1 - Mestranda do Instituto de Artes da Unesp, realiza a pesquisa “Projeto RUA — Arte e cidade: proposições, práticas e montagem” com duas linhas simultâneas. Uma linha prática de ateliê com experimentos em fotografia e técnicas gráficas, e uma linha teórica que investiga o espaço público compartilhado como um espaço normativo, caótico mas também inventivo. artista visual, designer gráfica e pesquisadora. Desde 2016, desenvolve o Projeto RUA que parte da investigação sobre o espaço urbano e da fotografia analógica e digital, e produz serigrafias, monotipias, cianotipias, fine art, lambes, livros-objeto e publicações inspiradas na dinâmica de uma cidade que cresce sobre sua própria ruína.

Resumo: Essa pesquisa toma a cidade como um espaço arbitrário, complexo, inventivo e em constante devir que inspira artistas e pesquisadores a produzirem e refletirem a partir de suas experiências urbanas. A metodologia utilizada é o caminhar aliada à fotografia, às técnicas gráficas de impressão e ao princípio de montagem como método de conhecimento e processo de criação.

Palavras-chave: arte; cidade; montagem; imagem; multiplicidade.

Abstract: *This research considers the city as an arbitrary, complex, inventive and constantly becoming that inspires artists and researchers to produce and reflect based on their urban experiences. The methodology used is walking combined with photography, graphic printing techniques and the principle of montage as a method of knowledge and creative process.*

Keywords: *art; city; montage; image; multiplicity.*

Caminhar pela cidade e observá-la em seus micro acontecimentos, passo após passo, tão complexa quanto ordinária. Milhares de ações simultâneas e estímulos visuais e sonoros reverberam no corpo e alteram o ritmo do passo. Acelera, desacelera, para, escuta, segue e observa, como diz Francesco Careri (2017), com o olho estrábico, um olho no trajeto e outro no que te distrai dele. Um olho estrábico e o ouvido surround atento aos sons da cidade em uma espécie de mixagem de vários canais em tempo real. Conversas, motores, alto-falantes, animais, buzinas, sons ruidosos e harmônicos, próximos ou distantes, se tornam música.

A cidade é múltipla e experimentada de diferentes maneiras. Não se trata de um lugar neutro, sem gênero, sem classe social e sem cor. Mulheres, refugiados, moradores de rua, negros, lgbtqi+ e trabalhadores informais, quando abordados, recebem tratamento diferente do dado aos homens brancos escancarando os diferentes tratamentos dados aos corpos e aos territórios. A cidade não é uma só.

Vista do alto, a cidade aparece como uma massa informe que se rearranja incessantemente e se move conforme fluxos de investimentos, projetos urbanísticos, deslocamentos populacionais e desvios imprevistos que revelam uma espécie de coreografia em um espaço esquadrihado. Observar o ritmo de uma grande cidade, orquestrado entre a velocidade dos corpos e a mudança de cores dos semáforos, levanta questões: o que mantém esse movimento ativo? E, o que o faria parar?

Há uma vertigem, uma orquestração acelerada de movimentos, um redemoinho, que parece absorver o que está ao redor e impor um ritmo. Porém, é nesse mesmo espaço arbitrário, complexo e acelerado que acontece uma série de encontros inusitados, agenciamentos improváveis, insurgências momentâneas e proposições artísticas que, à revelia desse aspecto normativo, abrem brechas para o poético e o inventivo.

As imagens aqui apresentadas fazem parte do Projeto RUA e foram realizadas por um corpo caminhante e artista que avança como uma membrana permeável ao entorno e, enquanto se modifica e se afeta, altera o espaço urbano. Uma via de mão dupla em que se modificam território e subjetividade, e que entra em jogo a abordagem da própria caminhante-pesquisadora, suas problematizações, percepções, experiências, sua capacidade e incapacidade de ver, e a própria habilidade de questioná-las.

Desde 2016, desenvolvo o Projeto RUA, que parte do corpo a corpo nas ruas e da produção de um arquivo fotográfico (Figura 02) utilizado em experimentações com diversas técnicas gráficas como serigrafia, monotipia, cianotipia, tipografia e intervenção digital, e que transforma-se em pôsteres, lambes, publicações e livros-objeto. Um arquivo que se reorganiza a cada suporte em um processo de criação por montagem-desmontagem-remontagem. Uma prática que permite inúmeras composições possíveis tal qual o espaço urbano que se reorganiza e reconstrói incessantemente.



Entre os elementos que compõem a produção artística, estão os lambes comerciais colados nos muros e postes da cidade: compro ouro, resolvo problemas amorosos, mãe Bruna, tarô, vendo, compro, troco e financio, faço frete, entre outros. São artefatos urbanos que funcionam dentro de um sistema de informalidade e ilegalidade já que a Lei da Cidade Limpa (nº 14.223, Prefeitura de São Paulo, 2006) não permite qualquer espécie de publicidade no espaço urbano. Ainda assim, semanalmente, esses lambes são colados nos muros e postes e cumprem sua tarefa até que o serviço de limpeza urbana os retire. Um “põe e tira” que se repete indefinidamente.

Os lambes comerciais são composições gráficas que comunicam por persuasão. Sua distribuição na cidade funciona conforme as características dos bairros e a demanda. Um lambe anunciando COMPRO OURO é mais facilmente encontrado em bairros de classe média e média-alta, RESOLVO PROBLEMAS AMOROSOS costuma ocupar os postes dos bairros com maior número de jovens de classe-média, o FAÇO FRETE predomina nas periferias, e nos bairros ricos dificilmente existem lambes já que há pouca circulação de pessoas a pé.

A retirada dos lambes para a produção das obras do Projeto RUA acontece durante os dias de intervalo entre a aplicação dos lambes e a chegada da limpeza urbana. Ao retirá-los, saem não só lambes sobrepostos mas também camadas de cola, tinta, mensagens gráficas, poeira e reboco arrancados da superfície arquitetônica onde estavam aplicados. Uma verdadeira arqueologia que revela a sobreposição de diversos materiais pertencentes a momentos diferentes da sua história. Um palimpsesto de fricções entre arquiteturas e corpos que funciona como uma espécie de epiderme da cidade.

Após a retirada dos postes e muros, os lambes são lavados e é produzida uma PLACA¹, uma superfície compacta com vários lambes colados, onde são aplicadas cianotípias² realizadas em papel de seda ou papel de arroz japonês. São imagens de rostos ou composições arquitetônicas impressas em papéis com transparência e baixa gramatura para que, coladas à placa, fiquem totalmente aderentes à epiderme.

São trabalhos com várias camadas: lambes, restos de cimento, cola, tinta, imagens e intervenções gráficas se sobrepõem formando uma superfície áspera e densa. Uma montagem de elementos que se atritam e compõem uma paisagem urbana (Figuras 03 a 10).

Com uma metodologia construída durante o caminhar na cidade e na prática de ateliê, o Projeto RUA incorpora todas essas camadas de imagens, de superfícies e de ações que se esfregam, cutucam, irritam e adotam umas às outras, “mixando-as” em placas, pôsteres, lambes e montagens com a intenção de criar mais uma camada, deixar rastros, adentrar os fluxos, produzir agenciamentos e incorporar o devir.

1 Placa é uma denominação dada por mim não só ao material retirado das ruas mas também ao trabalho final realizado a partir deles.W

2 Cianotípia: processo histórico de transferência de imagem fotográfica.

Fotografias

PLACA Projeto RUA — Fonte: Priscila Bellotti

Referências

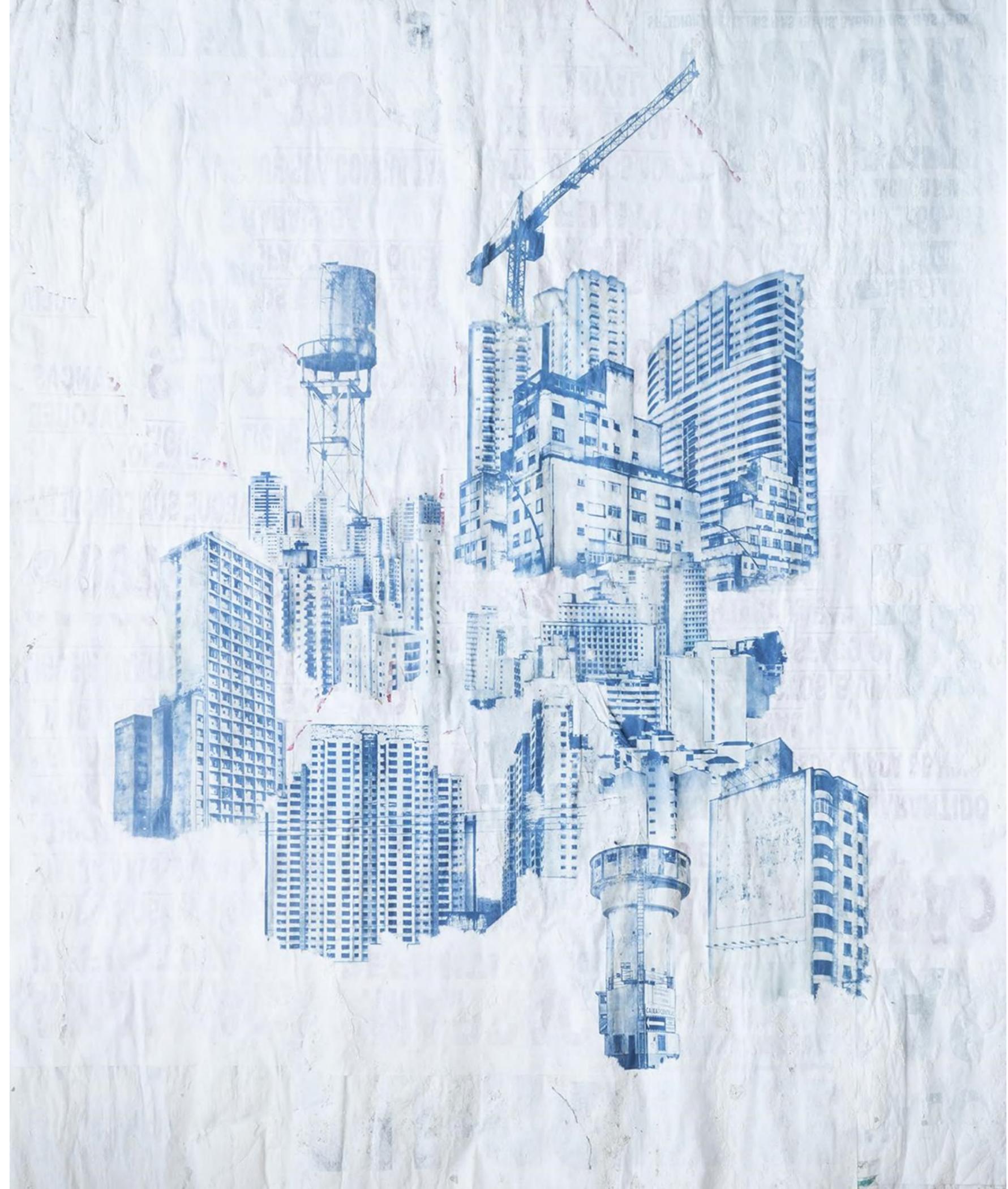
CARERI, Francesco. Caminhar e parar. São Paulo: Editora G. Gili, 2017.











As caixas de correspondência: da aparência a resistência ao desvanecer

Mailboxes: from appearance to resistance to fading

Carolina Carmini Mariano Lúcio ¹

<https://orcid.org/0009-0007-8244-608X>

<https://lattes.cnpq.br/4605117299521165>

carmini.carolina@gmail.com

¹ - Formada em Arte: História, Crítica e Curadoria pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua como pesquisadora e fotógrafa independente, possui trabalhos publicados sobre as cidades, seu desenvolvimento e suas memórias.



Resumo: Habitar as cidades e caminhar por suas ruas, nos proporciona contato com diversos indícios da sua história, processos de construção e temporalidades que se sobrepõem e comunicam. Um desses elementos, objeto deste ensaio são as caixas de correspondência presentes na maioria das residências pelo mundo. Sua presença nos portões, portas e fachadas — assim como sua ausência — marcam os processos de desenvolvimento e modificação dos hábitos urbanos e de transformação na vida nas cidades.

Palavras-chave: caixas de correspondência; correios; cartas; história urbana

Abstract: *Living in cities and walking through their streets provides us with contact with various clues about their history, construction processes and temporalities that overlap and communicate. One of these elements, the subject of this essay, are the mailboxes present in most homes around the world. Their presence on gates, doors and facades — as well as their absence — mark the processes of development and modification of urban habits and transformation in city life.*

Keywords: *mail boxes; post offices; letters; urban history*

E primeiro veio o verbo.

Se comunicar sempre foi uma necessidade humana. Comunicar notícias, contas, acordos, mortes, nascimentos, amores... Por vezes, levar as novas estava a uma distância maior que uma caminhada pelas ruas de uma cidade. Para isso as palavras que saíam da boca, chegam aos seus destinatários através das palavras escritas em cartas e telegramas. Se o advento das cartas não é uma novidade, as caixas de correspondência são um elemento da modernidade, e das peculiaridades dessa vida mais atarefada e com tempo limitado. Seria através da caixa de correspondências, que as palavras que viajavam por ruas, cidades e países, adentrariam nas casas das pessoas.

Das mais simples até as mais elaboradas, as caixas de correspondência — ou um equivalente a elas, muitas vezes —, estão na maioria dos portões dos por quase todo mundo. Cada país, tem sua própria história e cronologia com as caixas de correspondência. No Brasil, ela começa no XIX, quando em 1845, elas são instaladas nas construções do Rio de Janeiro. Vindas da Holanda, feitas de metal, elas tinham quase dois metros e pesavam quase meia tonelada. Impensável, nos dias de hoje um objeto desses nas portas das residências. Anteriormente, elas eram coloridas, e uma águia estava no lugar da pomba que hoje ilustra muitas caixas de correspondências.

Hoje as caixas são cheia de possibilidades. As vezes ela é apenas uma fresta, as vezes elas são rebuscadas. Algumas vezes novas e reluzentes, outras em estruturas mambembes, quase que abandonadas pelos próprios donos. São feitas dos mais diversos materiais, tamanhos e cores. As vezes passando despercebida pela decoração da casa ou vegetação, escondida pelos cantos, pelos grafites e pixos. Outras, são ostentadas, centralizas, visivelmente indicando, onde os serviços de entrega de cartas, jornais e revistas devem depositar seus objetos. Podemos até perceber a personalidade de seus donos pela escolha do designer, ou pela importância que ela tem na fachada.

Elas são um abrigo contra as intempéries. E também conferem privacidade aos seus donos, existindo no limiar entre o público e o privado. Um objeto que guarda e protege tantas particularidades de seus donos e ainda assim um elemento tão presente e visível nos cenários das cidades. Observar as caixas de correspondências, é perceber uma espécie de mapa dos tempos, das classes sociais, do cotidiano, da vida nas ruas.

Andar pelas ruas das cidades e perceber esse marco, é uma experiência de nostalgia para alguns, e que pode passar totalmente despercebida para outros. Quase como um objeto estranho. Uma ideia fora do lugar. As caixas de correspondência estão ali como objetos de um passado que insiste em permanecer, um item que sabemos que em um futuro não muito distante, talvez não fará mais sentido. Alguns elementos físicos das caixas de correspondência, como pequenas aberturas, modo de instalação e as condições materiais, nos fazem refletir ainda mais sobre porque elas continuam ali. Seria um hábito? Uma tradição? Existem por real necessidade? Elas são como os indícios das antigas práticas da vida urbana, de um cotidiano onde os contatos se davam de outras formas, onde o tempo era outro. Onde podia-se esperar uma semana para uma informação, e as urgências eram outras.

Assim, como percebemos que as casas morrem a cada dia para dar espaço a grandes espigões impessoais, com seus porteiros 24 horas e recebimento ilimitado. As caixas de correspondências, parecem perder seus sentidos quando percebemos que em seu interior repousam cada dia menos cartas, sobrando apenas alguns anúncios de empresas que ainda insistem na mídia impressa. Hoje nossas contas chegam pelos aplicativos, e as notificações importantes são recebidas pelos e-mails. Mortes, nascimentos, são comunicados através das telas dos celulares. Não há mais tempo e espaço para as cartas de amor.

Observando as caixas de correspondência, que encontramos pelas ruas, há vários sinais sobre as casas, as classes sociais e a importância delas para aquelas situações. Observamos que o tipo de material e as condições físicas das caixas, muitas vezes estão ligadas diretamente com a situação socioeconômica da região. Em muitas regiões menos abastadas, muitos desses objetos estão em estados precários e percebemos que o uso já foi até abandonado. Em outros bairros, seu uso permanece intacto, com caixas novas, brilhantes, visíveis e de fácil acesso.

Uma questão interessante é o acesso, olhando muitas caixas, observamos que elas pertencem a outro período, e continuam naqueles espaços, como um ato de resistência ao tempo, aos anos e a tudo mais. Suas fendas diminutas, espaços pequenos, e tipografias antiquadas remetem a um passado recente em nossas memórias. Tantas outras nos trazem o assombro de receber revistas e jornais, mídias tão defasadas e abandonadas na contemporaneidade.

São muitas as informações que podemos recolher ao caminhar por uma rua observando uma simples caixa de correspondência. Tantas informações históricas e sociais sobre uma comunidade, como até as possibilidades de fabulações que podemos fazer sobre os indivíduos que abrem todos os dias cada caixa.

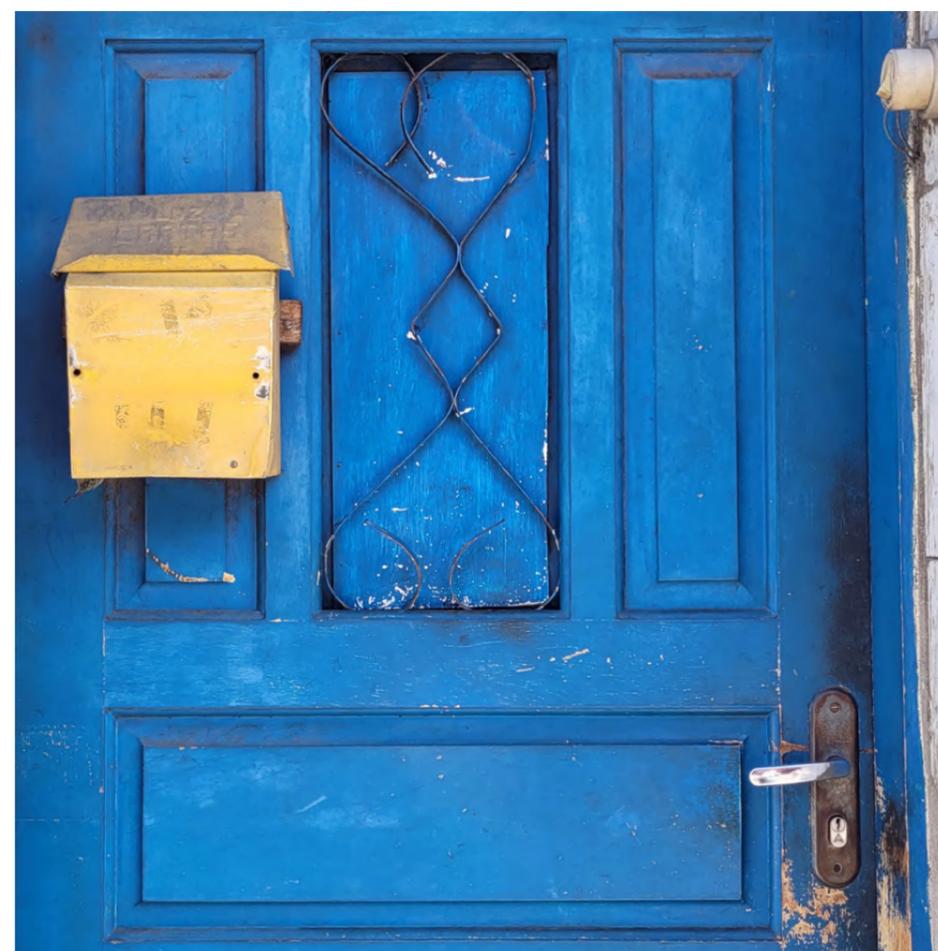
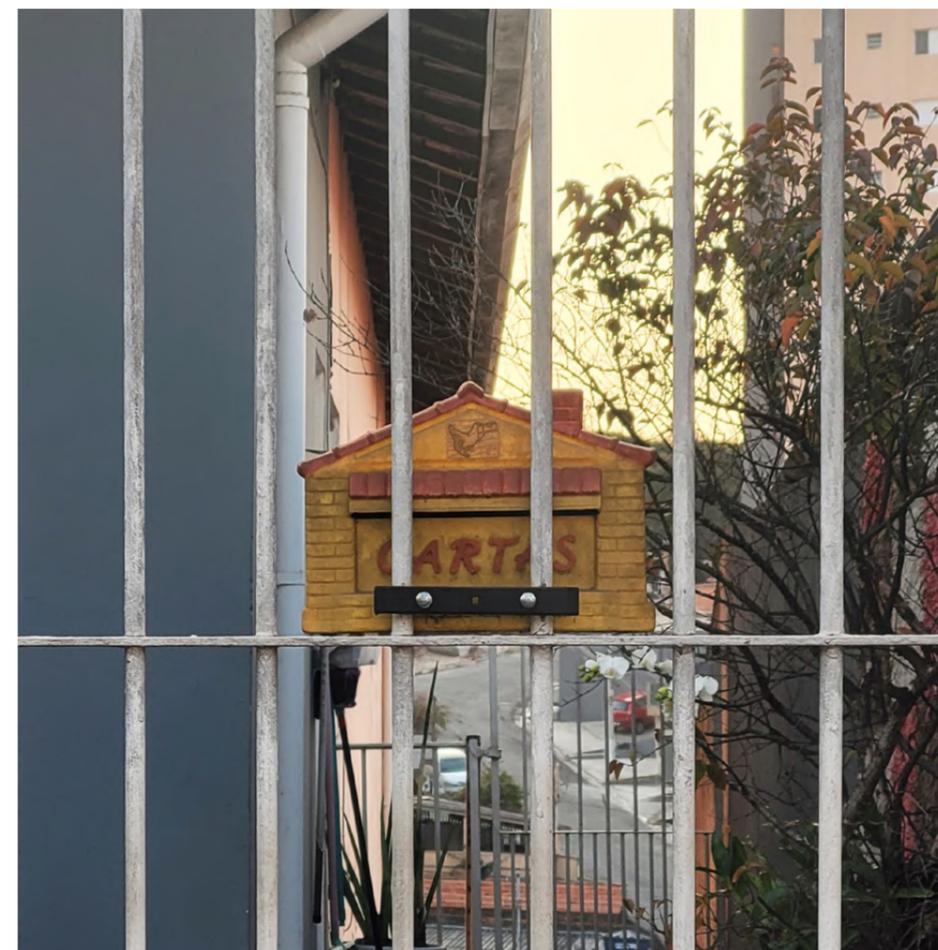
Referências

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. A história da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GINZBURG, Carlos. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NOVAIS, Fernando (Org.) História da Vida Privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009..











Coisas amarelas no final da tarde

Yellow things in the late afternoon

Ana Claudia Camila Veiga de França¹

<https://orcid.org/0000-0002-8174-1446>

<http://lattes.cnpq.br/5511666385207029>

oianafranca@gmail.com

¹ - Professora no Departamento Acadêmico de Desenho Industrial (DADIN) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).



Resumo: Neste ensaio, apresento uma lista de coisas amarelas no final da tarde. São fotografias que fiz em Curitiba, no inverno, enquanto caminhava pela cidade com meu bebê. Nesta proposta de caminhada, carregamento, captura e coleção, destaco como uma lista fotográfica pode romper a monotonia cotidiana e tensionar as limitações do espaço urbano.

Palavras-chave: Lista, Caminhada, Cidade

Abstract: *In this essay, I present a list of yellow things in the late afternoon. These are photographs I took in Curitiba during the winter while walking around the city with my baby. In this proposal of walking, carrying, capturing, and collecting, I highlight how a photographic list can break the monotony of everyday life and challenge the constraints of urban space.*

Keywords: List, Walking, City

“O olho que não é um mineiro, nem um mergulhador, nem um caçador de tesouros ocultos, nos leva a flutuar bem de leve pela corrente abaixo, parando, pausando, com o cérebro talvez dormindo, enquanto ele olha.”

Virginia Woolf, *O valor do riso e outros ensaios* (2015, p. 189).

Uma mãe caminha pela cidade

Lauren Elkin (2022) discute em *Flâneuse* a presença e os desafios de mulheres ao caminhar por espaços urbanos. Bem, se essa mulher for uma mãe carregando seu bebê, terrenos podem ficar ainda mais áridos e movediços, a começar pelas calçadas precárias. Mas, neste começo de maternidade, logo entendi que uma mãe precisa estar na rua com seu bebê. A cidade nos lembra que é bom olhar para o céu e encontrar desconhecidos, conversar sobre o tempo seco e comprar mexericas, laranjas, caquis. Sentir-se parte do mundo outra vez. Foi neste contexto — de necessidades e restrições — que me propus a buscar coisas amarelas, sempre no final da tarde, momento do dia em que, há muitos meses, com Joaquim no colo ou no carrinho de bebê, caminho em volta das mesmas quadras como um mosquito em volta da lâmpada. Uma lâmpada amarela.

Para entrar no jogo das listas, busquei “O livro do travesseiro” (2013, pp. 286–291), um diário do final do século X, no qual Sei Shônagon constrói diversas e inusitadas listas, como “coisas que têm aspecto vulgar”, “coisas que afligem”, “coisas que são graciosas”, “coisas que têm nomes assustadores”, “coisas que são simples quando vistas”, dentre muitas outras. Na negociação com as circunstâncias escolhi, por fim, o amarelo, o crepúsculo e o inverno.

Procura-se coisas amarelas

Defino primeiro as rotas mais confortáveis e seguras para estar com um bebê. Em outras palavras, com menos barulho e mais pedestres, calçadas razoáveis e alguma arborização. São poucas as que respondem a tantas exigências e, frequentemente, repito caminhos que atendem a uma ou a outra demanda.

A busca por coisas amarelas, no entanto, renova minha disposição para essas caminhadas. Percebo, entre o pacato labirinto de fios elétricos, que as lâmpadas vão acendendo pouco a pouco, formando pontos amarelos entre o emaranhado de cabos, galhos, folhas e ninhos de pássaros, com os quais dividem as alturas. Olho para baixo e uma faixa amarela desemboca no bueiro, como um pequeno rio, tem a profundidade e a aspereza do asfalto. Algumas coisas são amarelas o dia todo. Outras, ainda mais amarelas no final da tarde. É inverno e encontro em profusão flores e galhos secos pelo caminho. Listo plantas que tiveram as folhas amareladas pela estação: *Palmeira, Bananeira, Croton, Plátano-da-Califórnia*. Outras que são naturalmente amarelas: *frutos do coqueiro Jerivá e do Limoeiro; flores de Hibisco, Olho-de-tigre e Estrela-amarela; botões da invasora Barba de falcão*.

O amarelo está também nas placas comerciais, na sinalização das lojas e das ruas, nas linhas horizontais pintadas em muros de estacionamentos, nas setas no chão do posto de gasolina e em avisos de segurança: “cão bravo” no meio dos arbustos da mansão, “área mo-

nitorada 24 horas” na grade do prédio comercial, “cuidado — entrada e saída de veículos”, na entrada de carros da papelaria. Há ainda toldos, caixas de correios, portões de garagem, placas de trânsito, anúncios de “aluga-se”, “liquida” e “chaveiro 24 horas”. Também a agência de correios, a rede de farmácias, a franquía de açaí, a fachada da sapataria, o neon da loja de suplementos. No chão, além do par de tênis cintilante nos pés do cozinheiro do restaurante de comida caseira, embalagens de cigarros e de medicamentos e umas três caçambas para coleta de entulhos.

Aperto Joaquim no colo, com os olhos encharcados de amarelo. Foi Paulo Leminski (2013) que escreveu: amar é um elo / entre o azul / e o amarelo.

Amar, olhar, listar

No documentário autobiográfico *As Praias de Agnès* (2008), a cineasta Agnès Varda conta que filmou *Daguerreótipos* (1975) quando seu filho, Mathieu Demy, era pequeno. Explica que não queria deixá-lo sozinho, por isso o filme foi rodado no seu bairro. Era o modo de Agnès se manter perto de casa. Para as filmagens, usou a eletricidade da sua própria residência. Passava, então, um cabo elétrico pelo buraco da caixa dos correios e ia com ele até os lugares que faziam parte do filme: a padaria, a loja de acordeões, o salão de beleza, o açougue, a autoescola. A distância não deveria exceder 90 metros; essa era a regra. Alguém, então, lhe disse, “você não queria era cortar o cordão umbilical”. Este ensaio sobre coisas amarelas, certamente muito mais modesto que o brilhante filme de Agnès, é meu modo de estar perto de casa, com Joaquim, mas ainda assim, na cidade, caminhando, olhando, pensando imagens e palavras.

Esta breve busca por coisas amarelas apaziguou meu cansaço, por alguns dias. Não se trata da experiência do *flâneur* ou da *flâneuse*, marcada pelo privilégio do ócio e da liberdade, como define Elkin (2022). Contudo, a busca fez de um pedaço da rotina uma brincadeira, com detalhes banais, novos e amarelos para descobrir nos “mesmos lugares de sempre”. Esta pequena lista de coisas amarelas agora contorna o espaço e o tempo de um inverno longo, de caminhadas com o meu bebê.

O olhar pode atenuar as provações urbanas, e listar coisas amarelas é apenas um entre os tantos jogos possíveis. Como caminhamos pelas cidades, olhamos para as coisas e narramos os dias é, afinal, como passamos a vida.

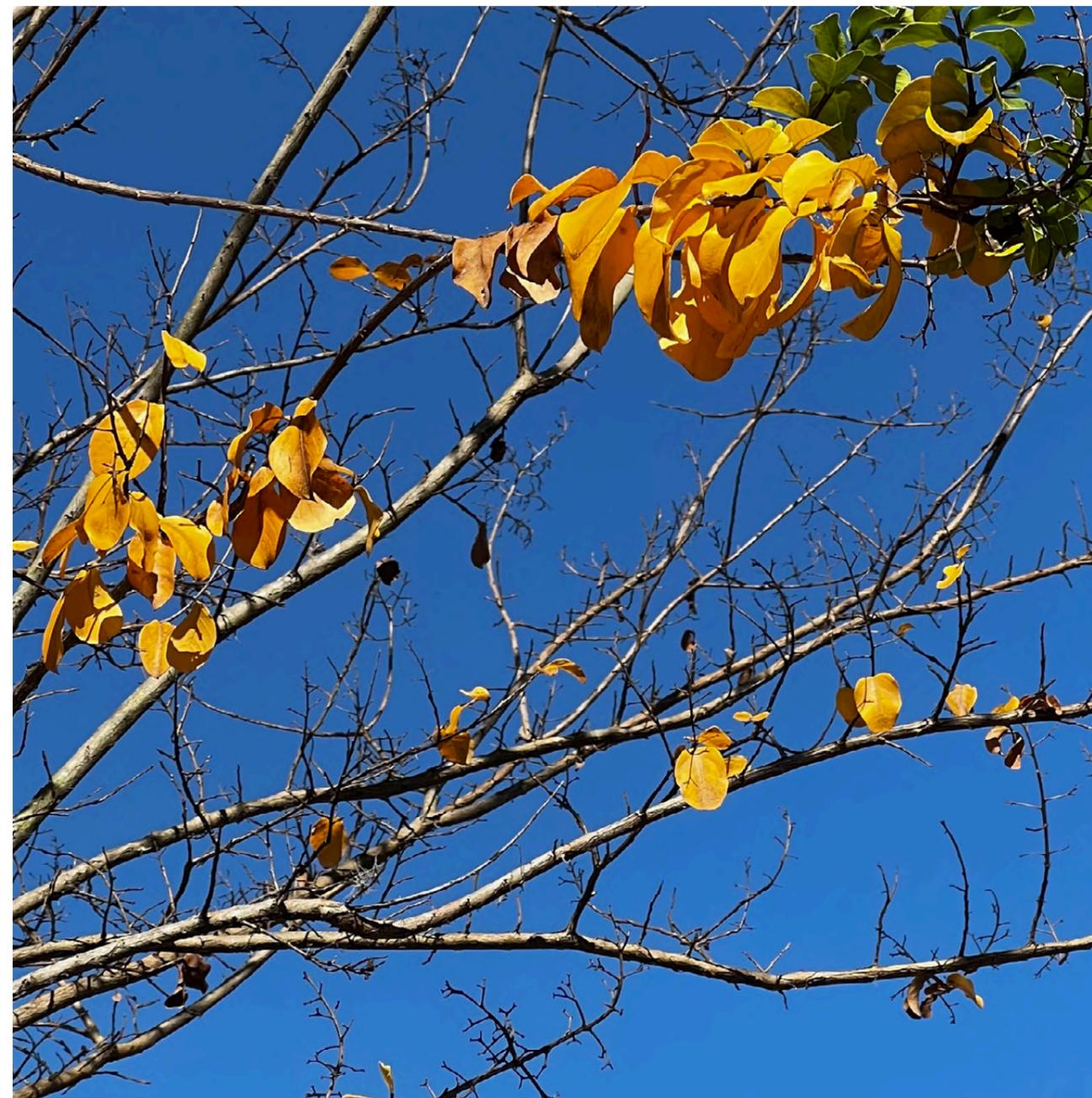
Referências

ELKIN, Lauren. *Flâneuse: mulheres andando pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres*. São Paulo: Fósforo, 2022.

LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras (2013).

SHÔNAGON, Sei. *O livro do travesseiro*. São Paulo: Editora 34, 2013.

WOOLF, Virginia. *O valor do riso e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, e-book, 2015.









ESTACIONAMENTO
EXCLUSIVO P/ CLIENTES







Mundo em quatro quadras: andanças e maternagem

World in four blocks: journeys and mothering

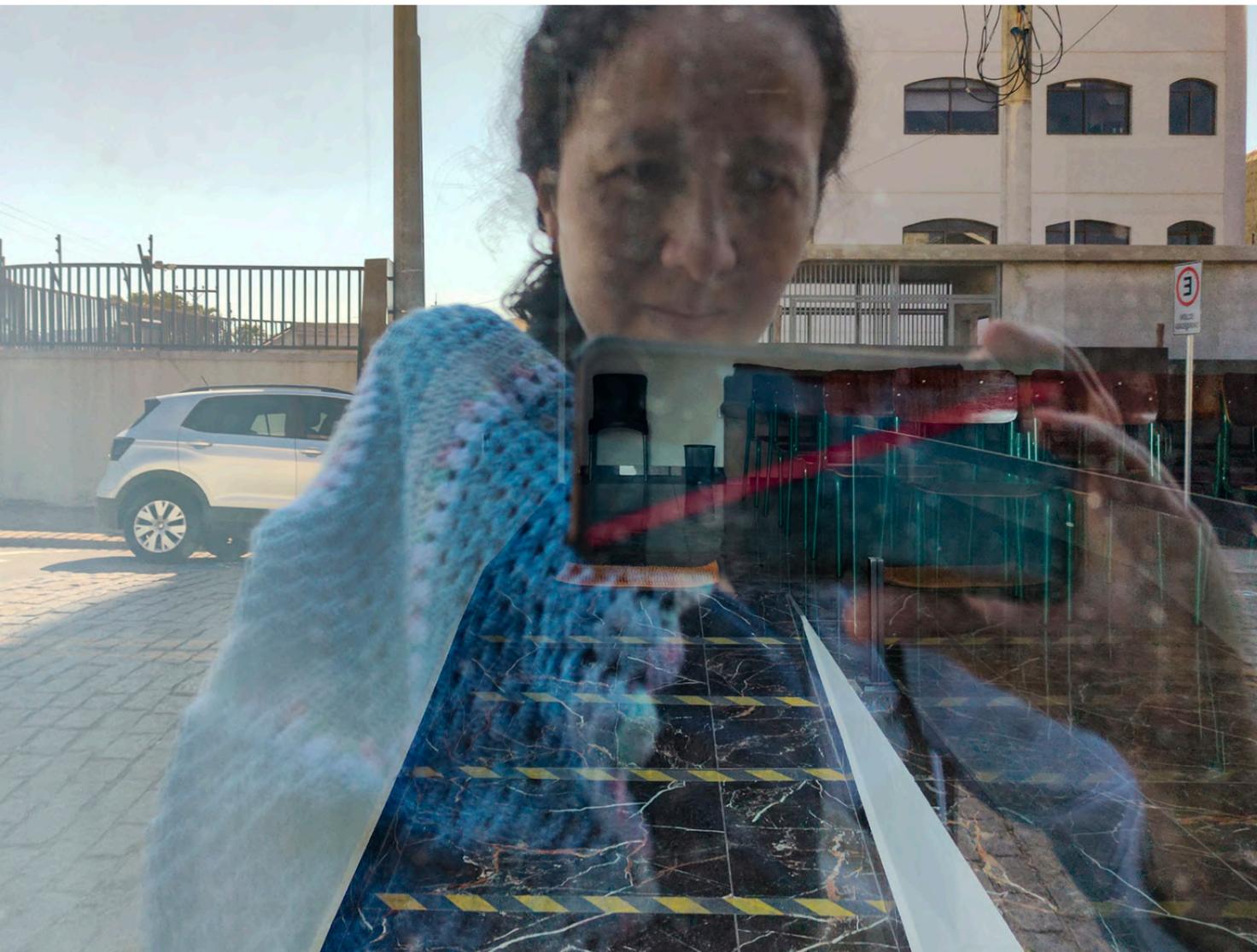
Alline Alves Nakamura¹

<https://orcid.org/0009-0007-0250-0964>

<http://lattes.cnpq.br/9442228913129662>

allinenakamura@gmail.com

1 - Artista visual e Doutoranda em Artes pela Universidade de São Paulo.



Resumo: Este ensaio é composto por fotografias e anotações de uma mãe que caminha acompanhada por sua filha de apenas cinco meses de vida. São imagens e textos feitos no celular, muitas vezes com Clarice em seus braços, por jornadas pelas ruas de Atibaia, cidade do interior paulista, onde elas moram.

Palavras-chave: maternagem, maternidade, fotografia, caminhada, paisagem

Abstract: *This essay comprises photographs and notes from a mother walking with her daughter, who is only five months old. The images and texts, often created with Clarice in her arms, were made via cell phone during journeys through the streets of Atibaia, a city in the countryside of São Paulo state where they live.*

Keywords: *mothering, motherhood, photography, strolling, landscape*

Casas foram derrubadas. Outras maiores foram construídas. Meu bairro passou por diversas alterações, desejáveis de serem registradas. Fotografadas. Lembradas. Acompanhava o movimento pelo vidro do carro, como passageira...

Agora, ao invés da câmera, carrego Clarice.

A minha casa é um mundo. O percurso entre quartos, banheiro, quintal, cozinha e sala é perseverantemente recorrente: com sono, às vezes com frio ou com calor, porque minhas vestes nem sempre estarão de acordo com a temperatura a tempo de planejar uma troca de roupa porque preciso amamentar. Ou trocar uma fralda. O leite escorre pelo corpo e pinga no chão.

Um de meus grandes desafios foi aprender a descer e subir as escadas com a Clarice.

Pela primeira vez, prestava atenção ao pisar de um degrau e a outro. Ao desnivelar o corpo para assentar o meu peso e o de minha filha no firmar de meus pés em cada passo.

Fim de tarde fria com sol.

Feliz por bater perna, mesmo que seja para logo ali.

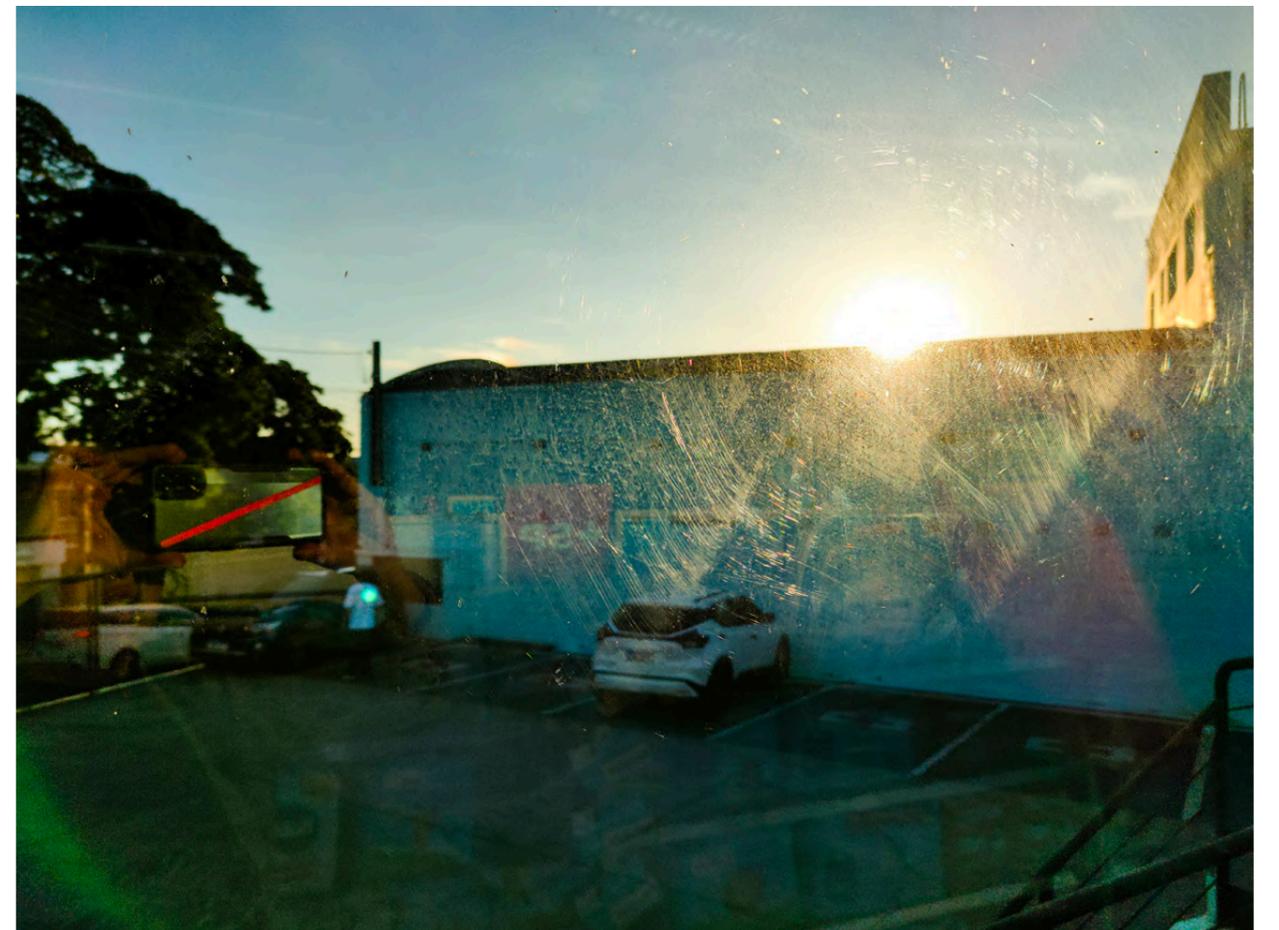
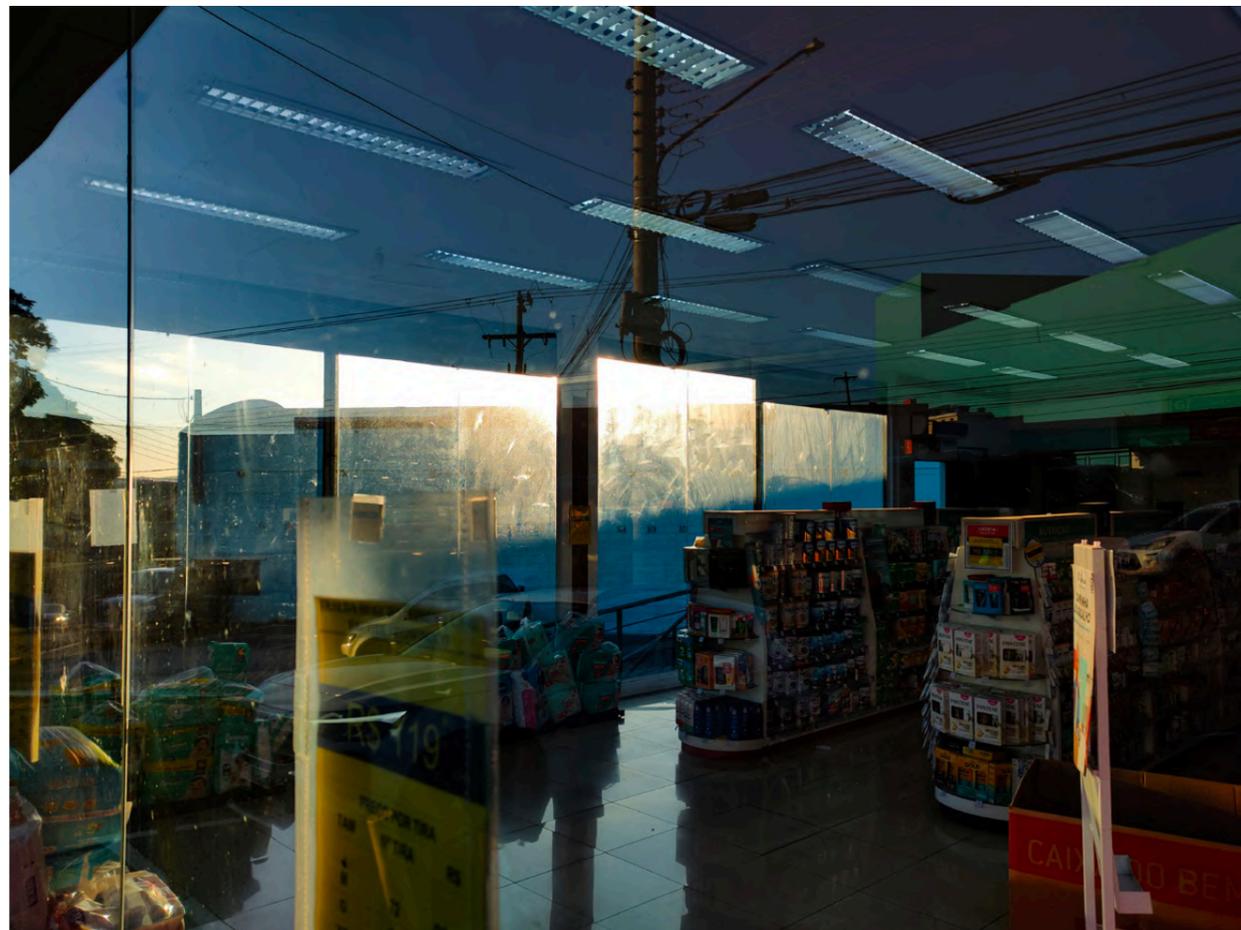
No meu bairro, está uma calma. O silêncio dos dias de feriado é uma benção. Faço minha miniprocissão. Comigo mesma. Caminhar como autorreflexão é oração em movimento.

Tento, junto com Beto, — o pai e companheiro de muitas caminhadas na gravidez e na vida — mostrar para nossa filha as plantas, o céu com ou sem nuvens, os azulejos antigos de uma casa ou as pedras decorativas de uma superfície desenhada. Colocamos sua mãozinha em uma destas pedras. Nosso ritmo tem sido mais lento.

Vi relances de luzes e sombras refletidas na parte superior de um estabelecimento comercial a alguns passos de casa. Foi tão bonito e durou alguns segundos, entre os três passos que dava enquanto atravessava a rua, naquele domingo parado e alaranjado.

Bateu uma saudade das minhas férias e feriados em Lins/SP, aquela cidade de luz quente. Tudo quente. Onde eu ficava olhando o movimento da rua de um bairro periférico, sentada em um banquinho ao lado do vô Pedro. Um costume que não vejo com mais frequência, mas ainda é mantido nos verões das cidades do interior paulista.

Também que era com ele que eu caminhava longos trechos, e às vezes levava a câmera. Fazia alguns cliques. O mais legal, no entanto, era estar na companhia dele.



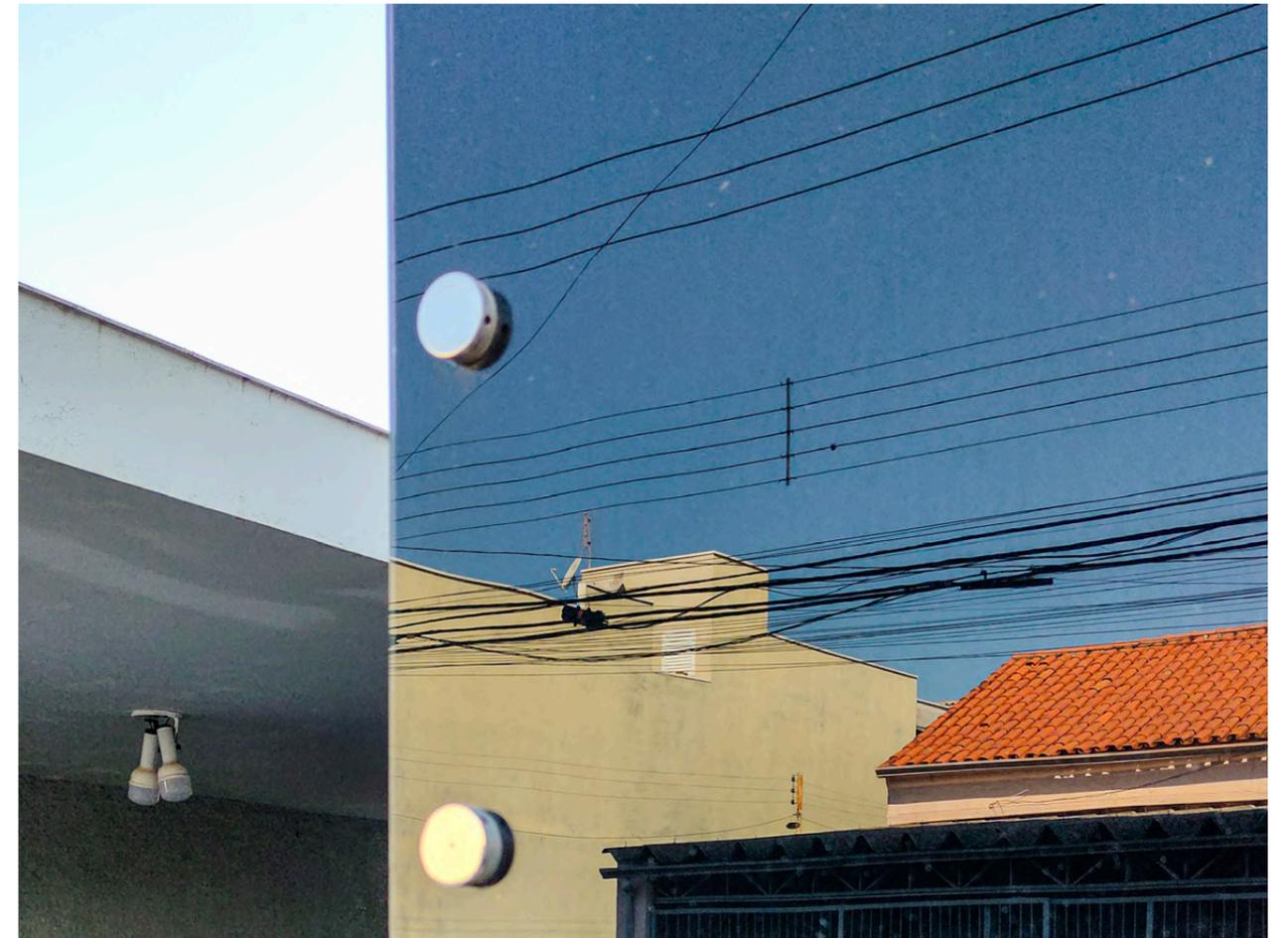


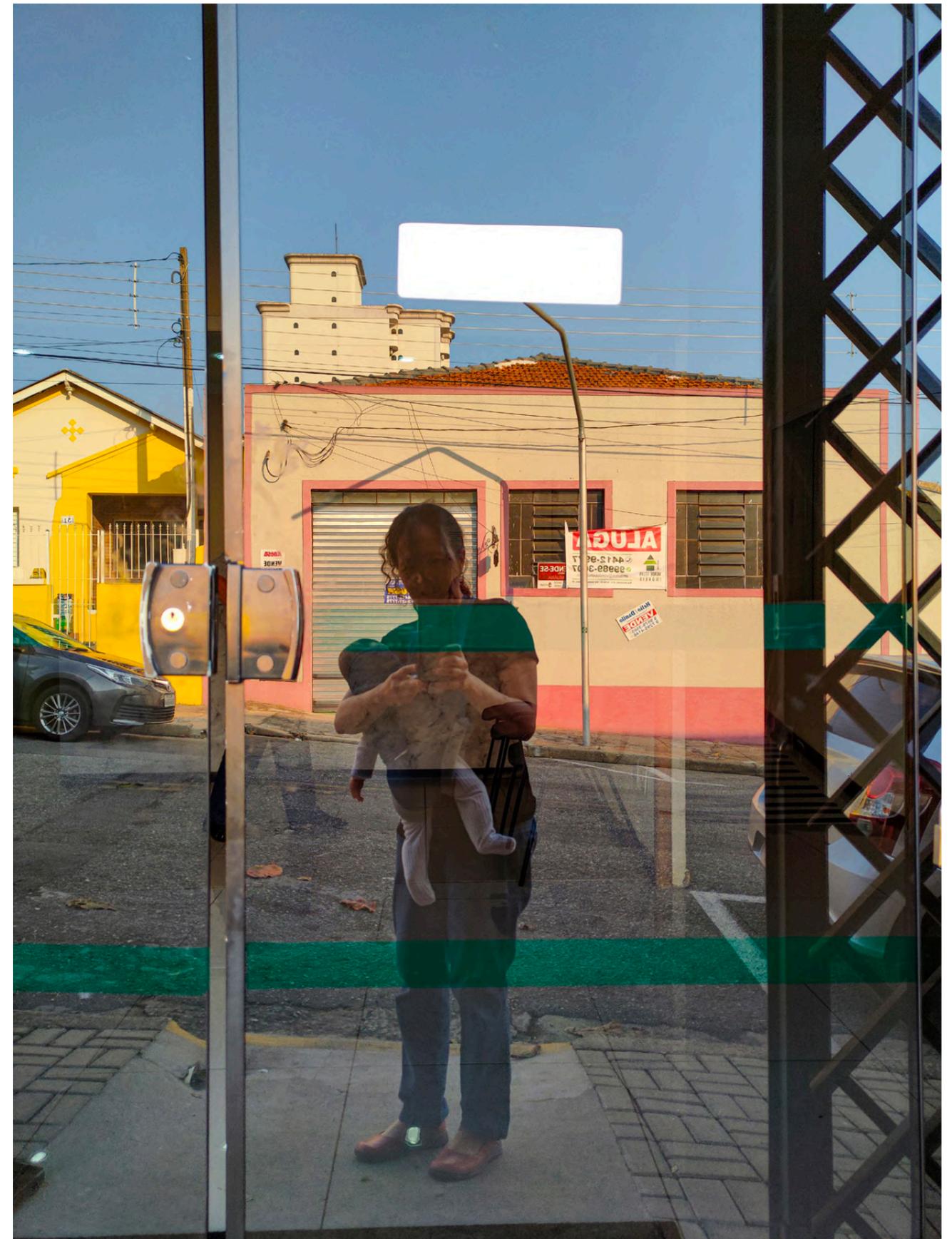
Aos poucos, consegui sair com a Clarice no sling e no bebê passeio.

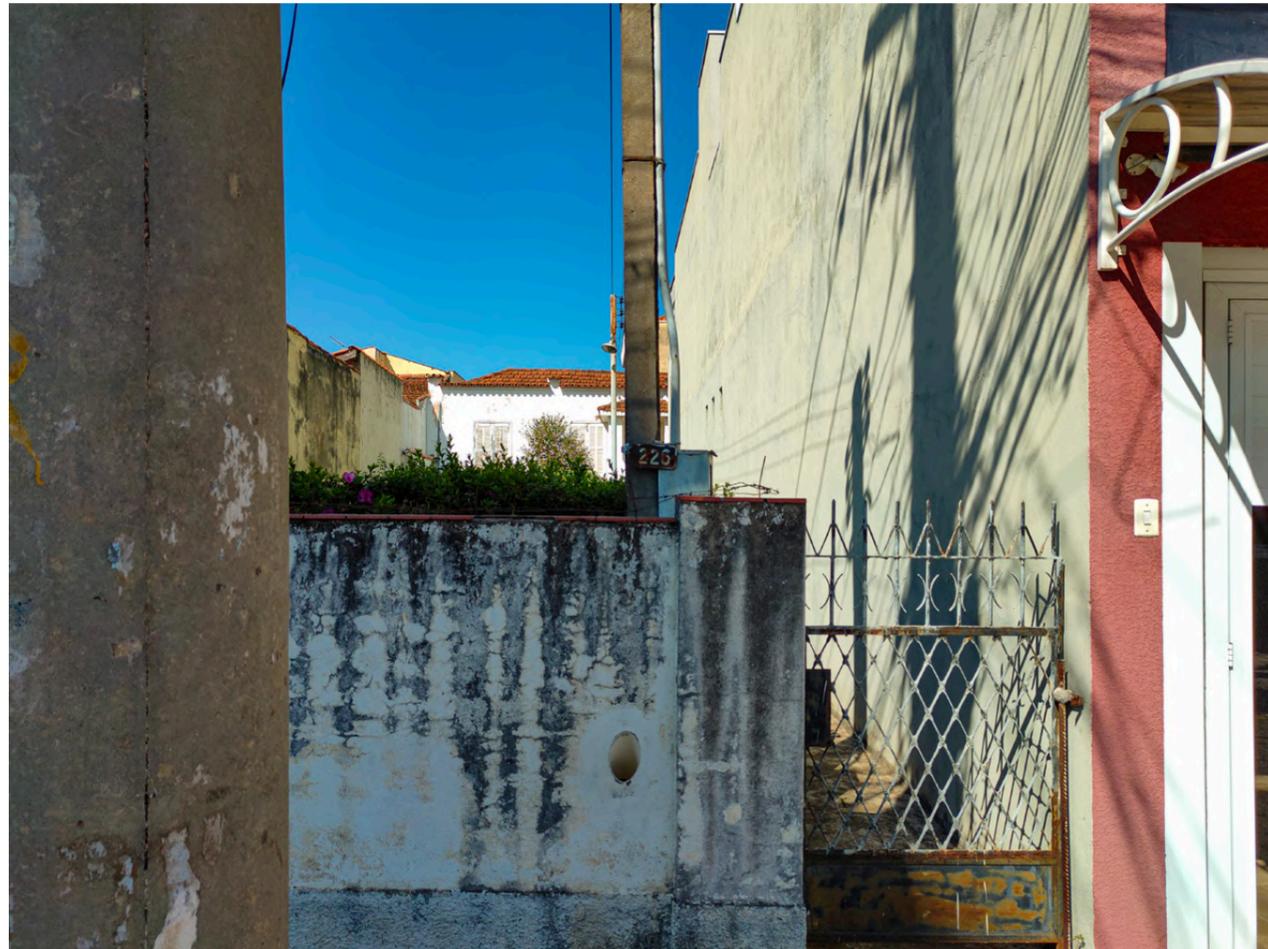
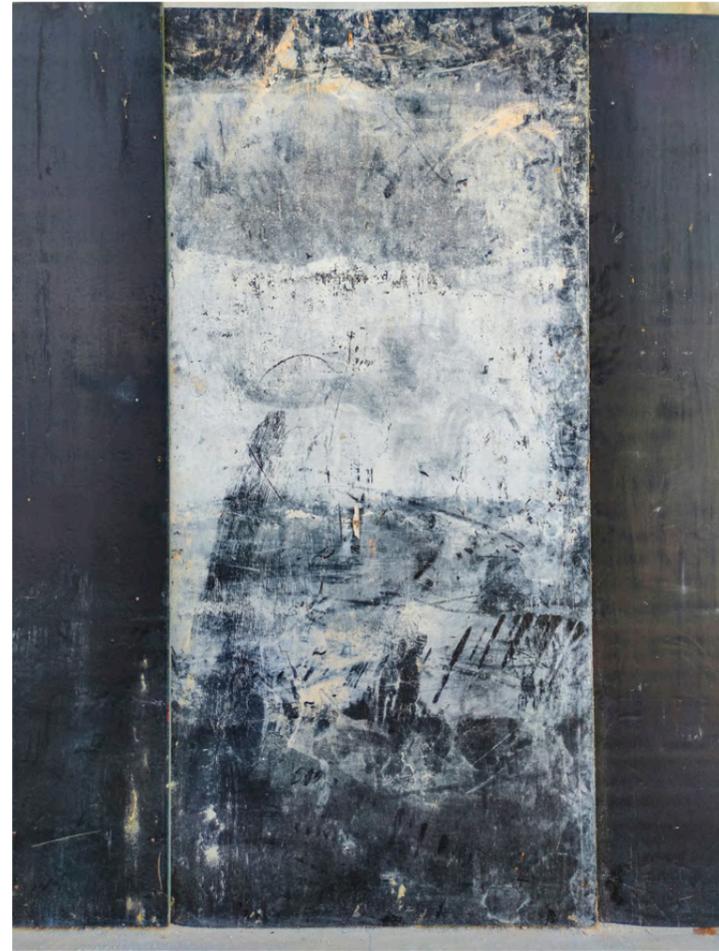
Por enquanto nosso mundo se limita ao bater perna aqui em nosso bairro.

Mesmo que eu não possa fotografar com o desprendimento — e expectativa — da não espera por nada de novo enquanto tudo se modifica, no passo dado entre a calçada e a sarjeta até o som ao longe de construções vindo abaixo e que, mais tarde, chegará na forma de poeira aos nossos lares, cobrindo de fina névoa os móveis e o chão, marcando meus passos pela casa...

Clarice dorme ao som de britadeira na calçada.







Tentei sair sozinha com ela no carrinho. Ela ficou séria durante todo o caminho de aproximadamente uma quadra e meia. No centro histórico, pensei que os paralelepípedos seriam os maiores empecilhos, mas na verdade, foram os desníveis da calçada e a rampa de acesso a cadeirantes e carrinhos de bebês em trechos íngremes.

Desviar em quatro rodas dos buracos das calçadas também foi algo que não havia sido calculado previamente... é mais fácil andar com a Clarice nos braços.

Espero um dia ter tranquilidade ao fazer uma foto. Será quando sentir que minha filha está segura, que a câmera ou o celular está na posição correta em uma ou nas duas mãos. Será quando nós três — eu, minha filha e a câmera — estivermos juntas, ao mesmo instante alinhadas e nos tornando uma coisa só.

Sempre andei meio rápido.

O ato de ver algo era o que me fazia desacelerar a caminhada. Parar e ver.

Com a Clarice, o ritmo está bem mais devagar. Agora o fotografar não é pela pausa do corpo para registrar algo, mas, muitas vezes está próximo de uma sensação de um filme que é montado quadro a quadro, passo a passo. Porque nem sempre haverá o momento da tomada daquele instante. Porque o lento contínuo da observação torna-se mais instigante e leve no fluir das passadas. No vasto mundo a ser descoberto em três, quatro quadras. Com uma companheira para quem tudo é novidade. Que tudo olha. Que a cada casa ou loja, descobre uma nova cor ou reflexo. Que olha para o céu e os fios dos postes. Que adora ver plantas. Que cheira as folhinhas do pé de hortelã da minipraça que teve uma árvore derrubada para se transformar em um pequeno estacionamento de três vagas para uma clínica...

Preferimos os caminhos com menos movimentação. Ela ainda está se acostumando com a visão e a estar com outras pessoas dentro ou não das carcaças de metal sobre rodas...

Referências

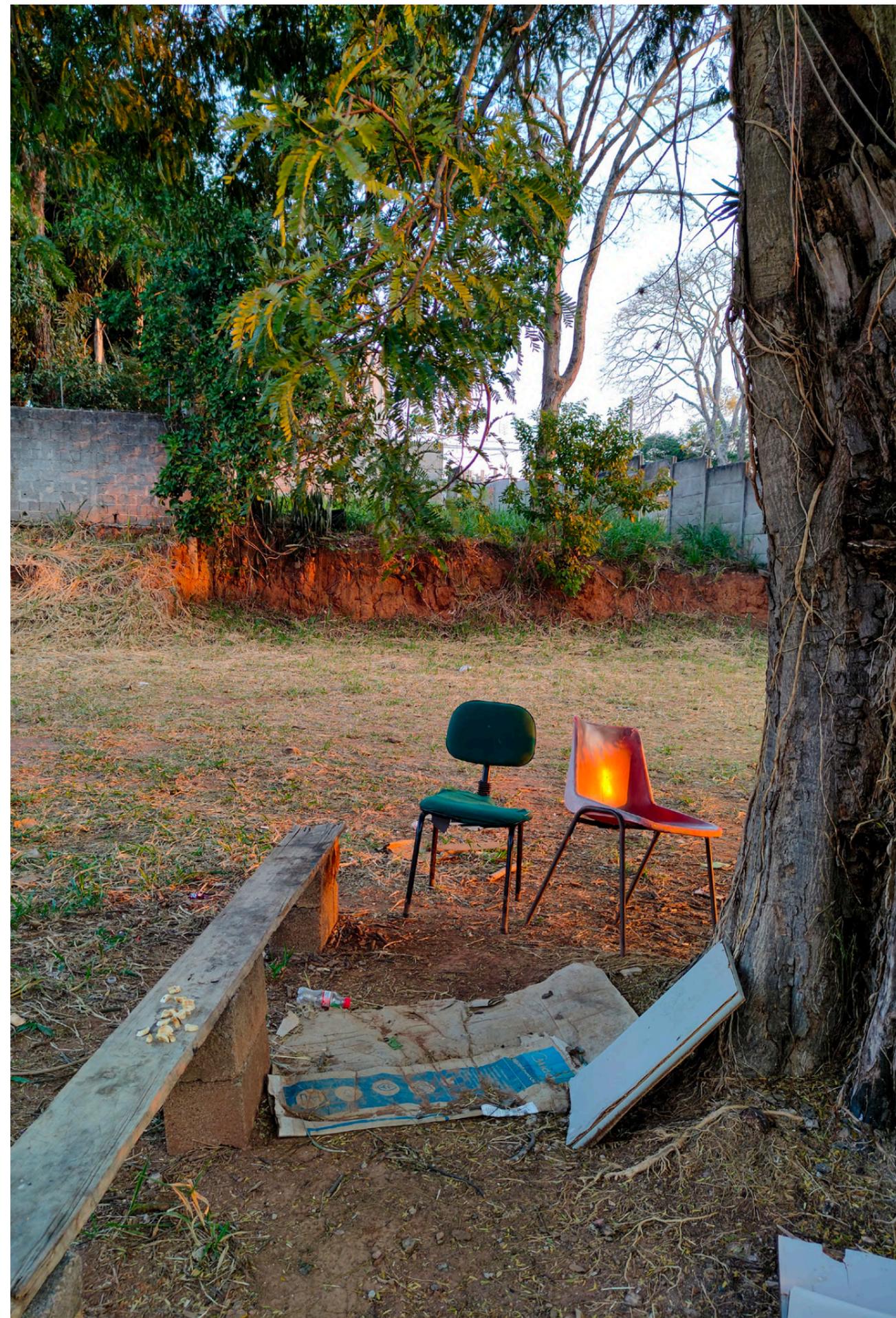
BASHÔ, Matsuo. Trilhas longínquas de Oku. Tradução Meiko Shimon. Escrituras, 2016.

CARTIER-BRESSON, Henri. El instante decisivo. In FONTCUBERTA, Joan. Estética fotográfica. Barcelona: Blume, 1984. p. 188–201.

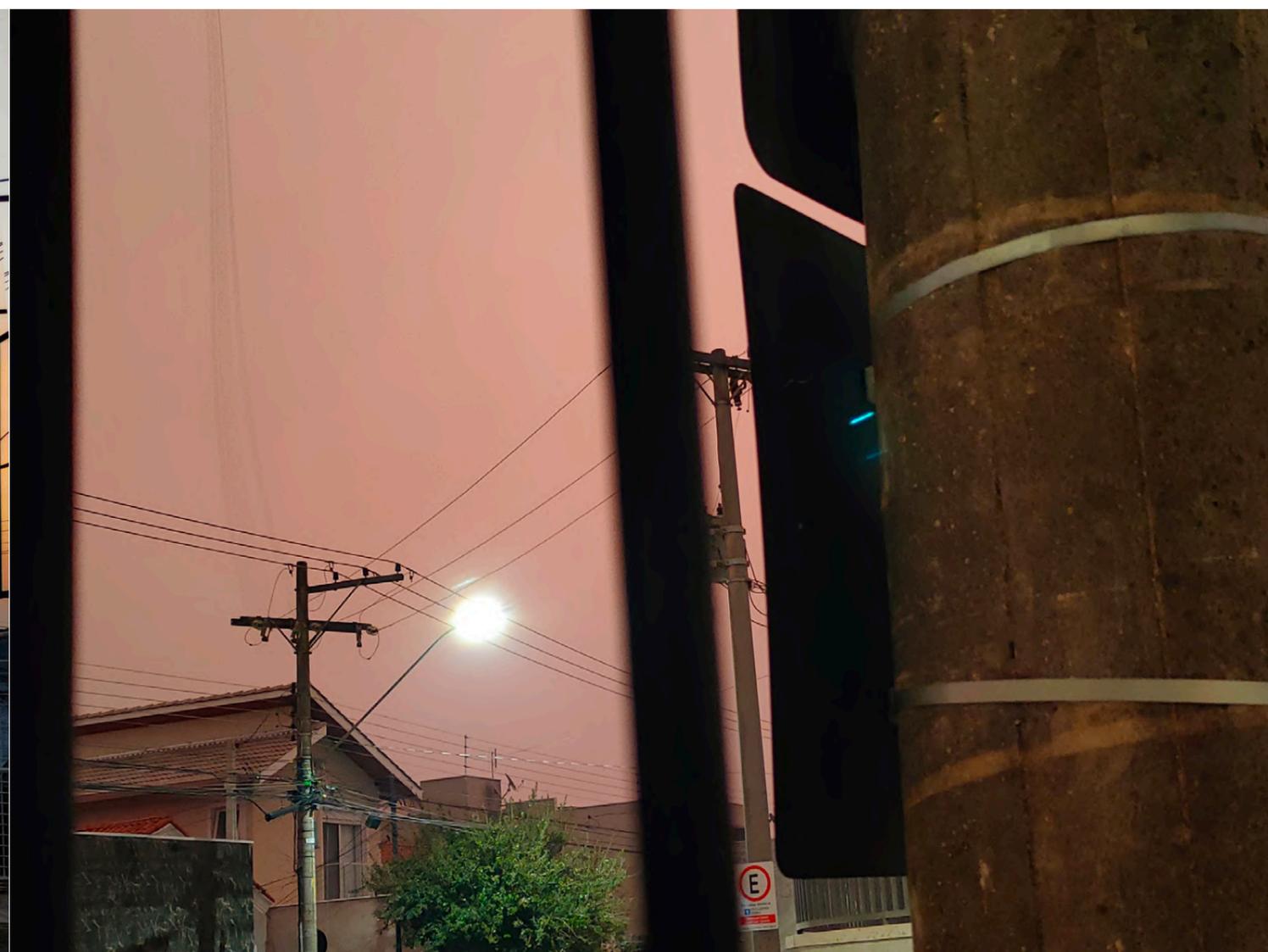
Clark, Lygia. Caminhando (Walking). 1963. Site do MoMA. In Macel, Christine Part 1: Lygia Clark: At the Border of Art. 2014. Disponível em: < <https://post.moma.org/part-1-lygia-clark-at-the-border-of-art/>>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SOLNIT, Rebecca. A História do Caminhar. Tradução de Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Martins Fontes — selo Martins; 2016.

WOOLF, Virginia. O valor do riso e outros ensaios. Tradução e organização: Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2014.









O Corpo na Cidade: Caminhadas e Conexões Urbanas

The Body in the City: Walking and Urban Connections

Lucas Silva Pamio ¹

<https://orcid.org/0000-0003-1067-1556>

<http://lattes.cnpq.br/6133467212870187>

lucas.s.pamio@unesp.br

¹ -Arquiteto e Urbanista, Especialista em Planejamento Urbano e Políticas Públicas. Mestrando em Teoria da Arquitetura e do Urbanismo no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atua como artista visual e poeta.



Resumo: A cidade, sempre em mudança, é um campo rico para pesquisa interdisciplinar. Caminhar por ela ajuda a reconectar com o ambiente, revelando suas complexidades e particularidades. Percursos como “Sé-Ó”, “Bauru Central” e “Território do CRAS Betinha” oferecem insights sobre o espaço urbano e suas dinâmicas sociais. A combinação da caminhada com o registro fotográfico promove uma reflexão crítica e valoriza as histórias urbanas, destacando a relação entre corpo, espaço e memória.

Palavras-chave: Caminhografia; Ambiente Urbano; Dinâmicas Sociais; Fotografia; Reflexão.

Abstract: *The ever-changing city is a rich field for interdisciplinary research. Walking through it helps to reconnect with the environment, revealing its complexities and particularities. Routes such as “Sé-Ó”, “Bauru Central” and “Território do CRAS Betinha” provide insights into the urban space and its social dynamics. The combination of walking and photography promotes critical reflection and values urban histories, highlighting the relationship between body, space and memory.*

Keywords: *Caminhography; Urban Environment; Social Dynamics; Photography; Reflection.*

A cidade é um espaço dinâmico em constante transformação, onde edificações, pessoas, símbolos e modos de vida se entrelaçam. Como destaca Pesavento (2007), a cidade tornou-se um objeto tradicional de pesquisa, inspirando estudiosos a explorar suas diversas temporalidades e questões. Ao percorrer o espaço urbano, temos a oportunidade de nos reconectar com ele, (re)descobrimo suas particularidades. Caminhar pelas ruas, observando e registrando por meio de desenhos, escritos ou fotografias, nos permite criar registros pessoais, quase como manuais de experiências, para compreender a complexidade da cidade.

A caminhada transforma o ato de explorar o ambiente urbano em uma forma de pensar e se relacionar com o espaço ao redor. É uma postura ativa e sensorial, onde cada passo revela novos fragmentos da cidade e nosso corpo dialoga com as dinâmicas contemporâneas. Esse processo faz da caminhada não apenas um movimento físico, mas uma maneira de compreender as complexidades urbanas.

Durante os percursos por diferentes cidades, surgiram descobertas que transformaram ações cotidianas em explorações urbanas. No trajeto “Sé-Ó”, nomeado originalmente “Ponte, Preto, Prado, Pinga”, proposto no projeto Caminhar Inventariar por Ricardo Luis Silva em 2021, atual Estúdio Ceda el Paso, percorreu-se a pé desde a Catedral da Sé até a Igreja Matriz da Freguesia do Ó, imergindo no contexto histórico e urbano dessa rota. O percurso “Bauru Central” revelou um centro urbano vivo, onde o trânsito, vitrines e fachadas formavam um mosaico dinâmico. Já o “Território do CRAS Betinha” expôs histórias comunitárias em bairros periféricos, evidenciando marcas de resistência e pertencimento. Cada percurso gerou listas de visualidades, que se tornaram fragmentos de narrativas urbanas, compondo uma cartografia sensível da cidade.

Caminhar é uma prática essencial para compreender o espaço urbano em sua totalidade. O ato de andar pelas ruas permite mergulhar nas relações socioculturais que moldam o ambiente, estabelecendo vínculos afetivos e desenvolvendo uma percepção aguçada das micro visualidades. Como argumentam Careri (2002), Harvey (2014) e Jacobs (2001), caminhar é uma metodologia que nos conecta profundamente com o espaço urbano, permitindo a experiência direta do que o ambiente tem a oferecer.

O registro fotográfico desempenha um papel crucial ao conectar o pesquisador com o espaço, facilitando o compartilhamento e a compreensão das vivências urbanas. Organizados em cinco eixos temáticos, os registros fotográficos foram categorizados como “edificados” (espaço físico e construções), “rostos” (pessoas que habitam e transitam pelo local), “cenários” (paisagem urbana), “expressões” (formas de comunicação como grafites e placas) e “pistas” (objetos deixados na cidade).

Através da caminhada e da análise do espaço urbano, conforme Harvey (2014), exercemos o direito à cidade, que é um processo ativo de participação e reflexão crítica sobre como as cidades são moldadas. Cada passo se torna um gesto de apropriação e reinvenção, onde o corpo em movimento não apenas observa, mas também participa da trama da vida urbana.

Os percursos revelaram a cidade em suas camadas complexas. O trajeto Sé-Ó explora a história por meio das praças e pontes de São Paulo, enquanto Bauru Central destaca o desenvolvimento e a expansão da cidade. O percurso Território do CRAS Betinha expõe desigualdades e histórias de autoconstrução. Como Careri (2013, p. 27) observa, “atravessar o espaço nasce da necessidade natural de mover-se para encontrar alimento e informações para a sobrevivência.”

A relação entre o corpo, a cidade e a memória se revela como um elo profundo e transformador. Lutar para que não exista uma dialética entre lembrança e esquecimento, conforme sugere Nora (1993), torna-se um ato essencial para preservar o que faz da cidade um lugar de pertencimento e afeto. A caminhada, ao lado da produção de inventários e listas, é uma ferramenta poderosa para criar e valorizar memórias, permitindo que a experiência urbana seja registrada e perpetuada. Esse pensar, que começa de forma individual, ganha força ao ser compartilhado, tornando-se um ato coletivo que fortalece os laços entre as pessoas e os espaços que habitam. Assim, caminhar pela cidade não é apenas um exercício de observação, mas também um gesto de resistência e valorização das histórias e vivências que compõem o tecido urbano.

Referências

CARERI, F. Walkscapes — O caminhar como prática estética. São Paulo: GG, 2002.

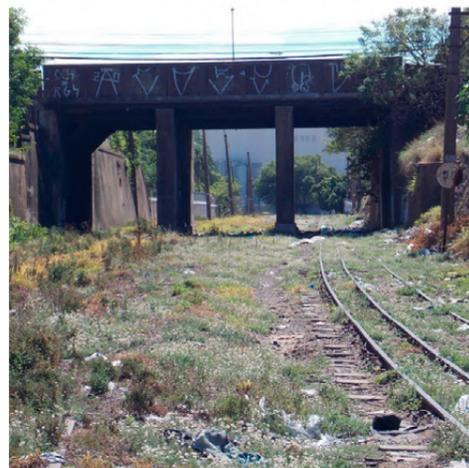
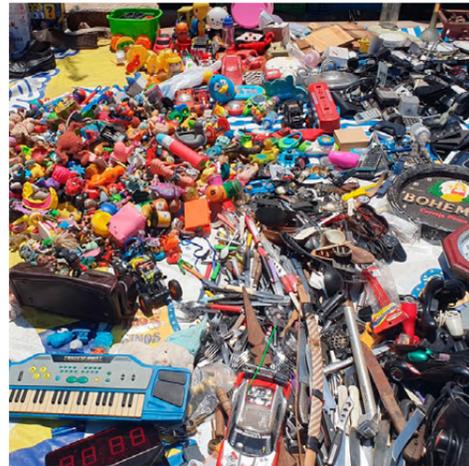
HARVEY, D. Cidades rebeldes. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

INGOLD, T. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Londres: Routledge, 2011. p. 229–243.

JACOBS, J. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11–23, 2007.





EDIFICADO



ROSTOS



CENÁRIOS



EXPRESSÕES



PISTAS



EDIFICADO



ROSTOS



CENÁRIOS



EXPRESSÕES



PISTAS



EDIFICADO



ROSTOS



CENÁRIOS



EXPRESSÕES



PISTAS





Aponte a câmera para acessar os mapas dos percursos caminhografados





No Corre

On The Grid

Leonardo Eichinger¹

<https://orcid.org/0009-0007-0498-6523>

leonardo.cadastr@gmail.com

¹ -Designer de profissão e fotógrafo de bonitezas — seus cliques ilustraram até a dissertação de mestrado em arquitetura da universidade belga Katholieke Universiteit Leuven.

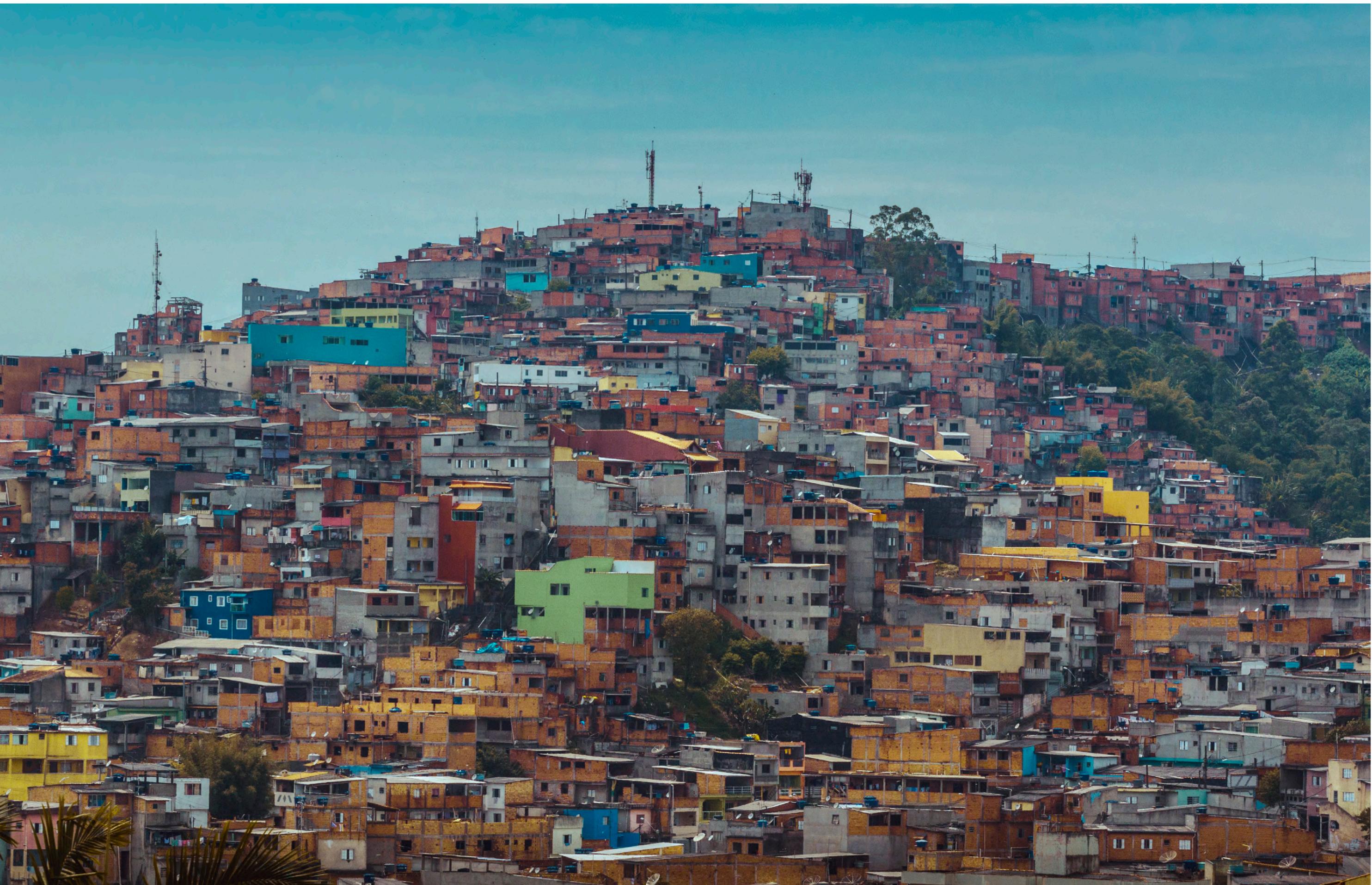
Resumo: A rotina de um trabalhador em São Paulo evidenciando o que a cidade oferece ao seu munícipe no dia a dia. Impasses ou soluções? Destacando os desafios diários, o recorte do cotidiano não esquece da essência humana por trás das responsabilidades profissionais.

Palavras-chave: Rotina, São Paulo, trabalhador, Cidade, Cotidiano

Abstract: *The daily routine of a worker in São Paulo highlights what the city offers its residents day by day. Obstacles or solutions? Emphasizing daily challenges, this snapshot of everyday life doesn't forget the human essence behind professional responsibilities.*

Keywords: *Routine, São Paulo, worker, City, Daily Life*

Amanhece na cidade,
Mais um corre, na verdade.





Passo por vielas e janelas,

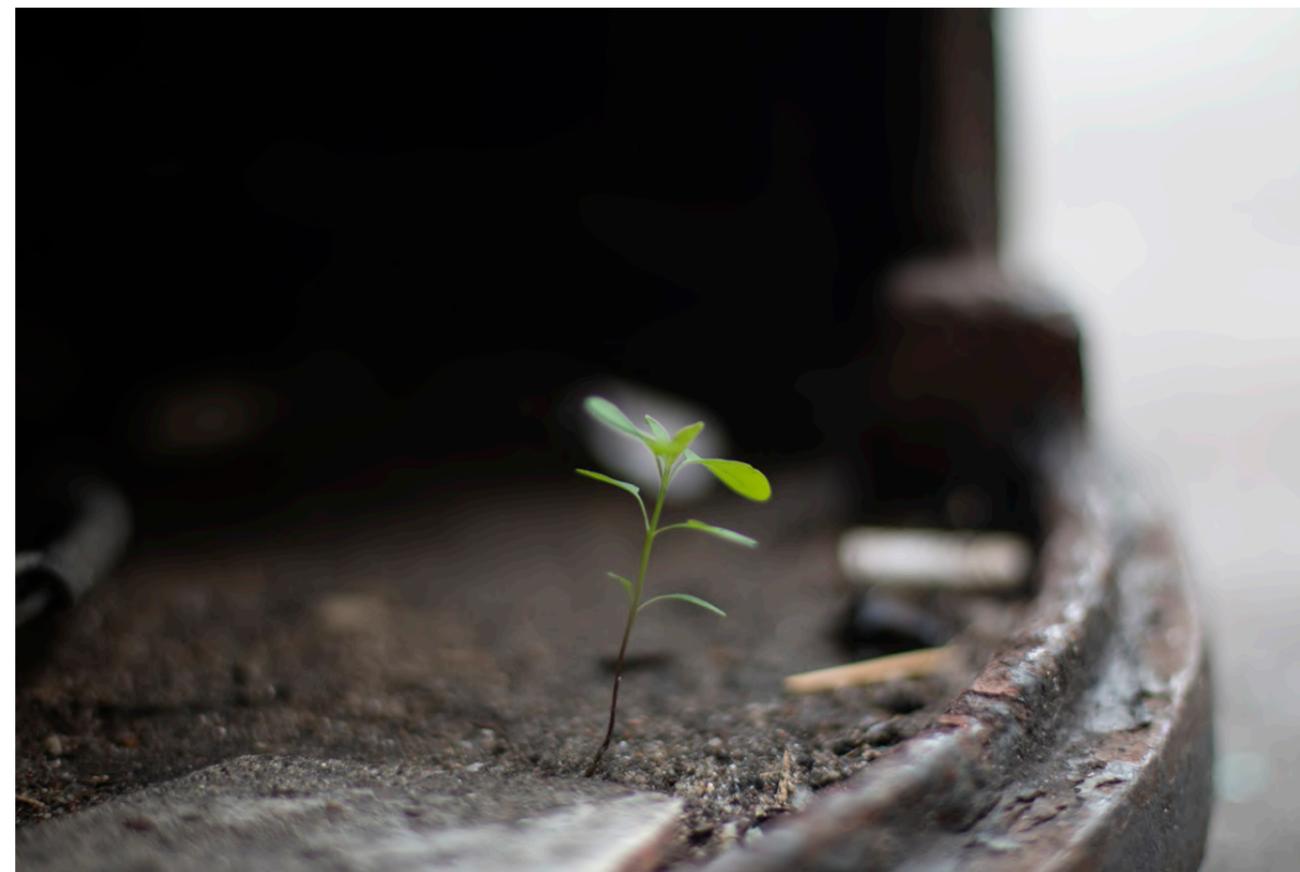




Chega a carona, fiel e bela.



Na cidade cinza, tão fria,

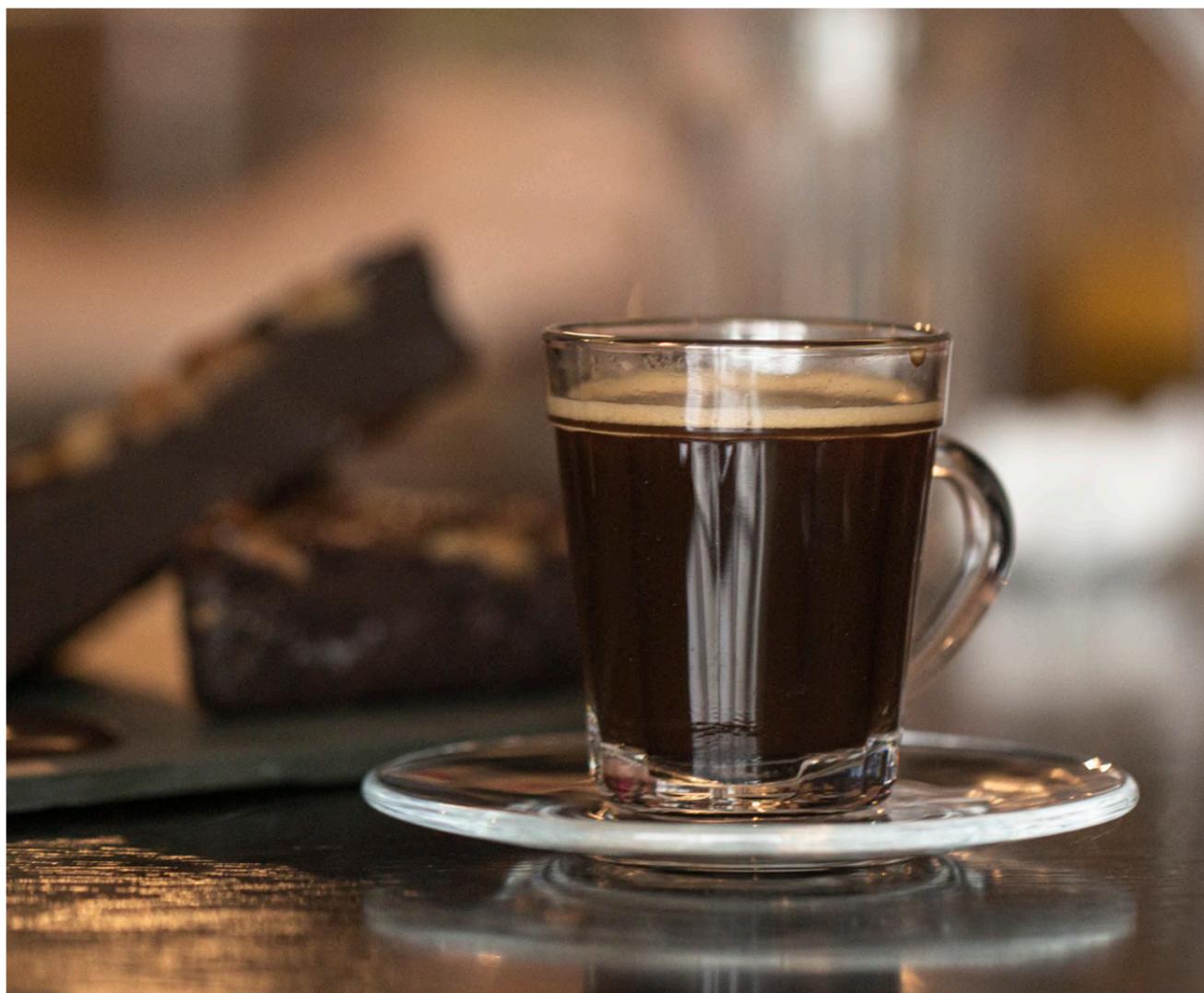


O verde resiste, cria a magia.

Ela vai, ele vem, sem parar,



Na pausa do café, vou relaxar.



Na fumaça do cigarro, respiro,



A tarde se despede, eu suspiro.



As lojas fecham, fim da missão,

No caminho de volta, distração.



Me perco na noite, sem pressa,



Para começar novamente, sem medo,
Nessa vida, seguimos o enredo.



Fotos e texto

Leonardo Eichinger

Instagram: @leonardoeichinger

behance.net/leichinger

Entre trajetos e trajetórias estudantis da Educação de Jovens e Adultos

Between student paths and trajectories of Youth and Adult Education

Katiuci Pavei¹

<https://orcid.org/0000-0001-5729-8133>

<http://lattes.cnpq.br/2154007502874546>

katiuci.pavei@ufrgs.br

¹ - Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS) e pesquisadora associada ao Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL/UFRGS). Mestre em Educação (PPGEDU/UFRGS), bacharela e licenciada em Ciências Sociais (UFRGS). Coordenadora do Projeto de Ensino-pesquisa e extensão Imagens e Retratos da EJA.

Resumo: Este projeto foi lançado com alunos da EJA da Escola de Aplicação da UFRGS. Após uma caminhada seguindo os percursos para a escola e caminhos dentro do espaço educacional durante o turno noturno, surgiu um projeto que buscava a ampliação da visibilidade do aluno pela produção de retratos, focado na autorrepresentação e narrativas de si, aqui apresentada na forma de um anuário escolar da turma EJA 2023.

Palavras-chave: Fotografia, retrato, percurso, escola, educação de jovens e adultos, anuário escolar.

Abstract: *This project was released with students of EJA from de Application School of UFRGS. After a walk following the routes to school and paths inside the educational space during the night shift, a project emerged that searched the ampliation of the student's visibility by the production of portraits, focused on the self-representation and with narratives of themselves, here presented in the form of a school yearbook of EJA 2023 class.*

Keywords: *Photography, Portrait, path, school, young and adult education, school yearbook*

Venho trabalhando ao longo da última década como professora na área de ciências sociais da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio de Aplicação, instituição de educação básica vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Acredito, assim como Ingold (2018), que a antropologia pode ter também o objetivo educativo de transformar vidas das pessoas com as quais trabalhamos e da nossa. Para tanto, sinto que o meu envolvimento junto com estudantes na relação educacional necessita gerar propostas que articulem sentidos que evoquem o passado, o presente e o futuro dessas pessoas, interrelacionando memória e sensorialidades individuais e coletivas (Pink, 2007).

Certa vez pedi permissão para acompanhá-las em seu trajeto de ida ao colégio e seus percursos dentro do espaço escolar, fazendo registros fotográficos e audiovisuais. Peguei o ônibus circular universitário gratuito, no ponto onde as/os estudantes que moram na redondeza ou que chegam do município vizinho de Viamão se encontram e assim chegamos até a instituição ao anoitecer. Em seguida, acompanhando-os/as até o refeitório, onde iriam jantar, percebi que o percurso era feito quase que completamente no escuro, sendo muitos metros em que apenas um poste de luz iluminava esse caminho ao ar livre, obrigando algumas pessoas a ligarem as lanternas dos seus celulares para melhor se locomover no estreito calçamento. As imagens que eu via eram mais de sombras e de silhuetas de pessoas sem identificação, me provocando uma sensação incômoda, como se essas pessoas estavam vivenciando parte da experiência escolar na penumbra, quase invisíveis...

A partir dessa e de outras inquietações que envolvem a condição da política educacional EJA e de seus sujeitos no Brasil, surgiu o projeto de ensino-extensão e pesquisa Imagens e Retratos da EJA. A iniciativa buscou se aproximar de uma proposta antropológica de câmera compartilhada (Copque, 2003; Novaes, 2012), que tinha como um de seus objetivos a produção de visualidades, por meio de “autorrepresentação endógena” (Gama, 2006), a fim de construir e divulgar representações positivas das pessoas — jovens — adultas e idosas — com as quais estávamos compondo essa modalidade de ensino na nossa escola.

Em uma de suas ramificações, a iniciativa mobilizou a produção de retratos discentes e foi lançado o convite à participação estudantil. Para viabilizar essa ação, realizamos sessões fotográficas em um estúdio montado na sala de aula, essa entendida como o nosso principal lugar etnográfico (Ingold, 2008; Pink, 2007)¹. A equipe técnica de apoio era composta por uma turma de estudantes da EJA que estavam participando da minha disciplina de linguagem e prática fotográfica. Também em um dos encontros contamos com a presença de profissionais colaboradores². Com base em negociações, solicitei que indicassem a escolha de poses, se queriam performar alguma ação ou mobilizar objetos simbólicos, enfim, como gostariam de ser retratadas/os. Sugeri que evocassem como se sentiam enquanto estudantes e que pensassem em seus sonhos e motivações, para que sua pose no retrato apresentasse projeções ao futuro (Rechenberg, 2014). Ao longo da ação, cada pessoa escolhia suas imagens e caso não gostassem, novas fotos eram produzidas. Construimos um banco de imagens autorizadas para

¹ Foi acolhido o pedido de estudantes que quiseram fazer registro em outro espaço da escola, mas com resultados diferentes, devido a fatores técnicos.

² arceria com a arte-educadora e artista visual Célia R.M. dos Santos, especialista em colorimetria, que nos assessorou quanto ao uso adequado de equipamentos de iluminação e com o fotógrafo Bryan L.M. Carvalho, que registrou imagens coloridas.

que fossem publicadas³. Posteriormente, foram organizadas sessões coletivas de projeção do principal retrato escolhido, nas quais as pessoas que se sentiam à vontade expressaram quem era a pessoa retratada, provocando assim, narrativas de si e do outro. Por fim, foi montada uma exposição no colégio com retratos em preto e branco, bem como, nos lançamos a gerar ressonâncias, expondo as imagens em espaços físicos e virtuais, por meio de mostras, eventos e publicações⁴.

A fim de propor um tipo de coletânea que remete ao espaço escolar e, como meio de aqui apresentar e homenagear as pessoas que comigo construíram esse processo criativo, organizei o conjunto de retratos como um anuário da EJA do Colégio de Aplicação/UFRGS, 2023.

Referências

COPQUE, Barbara. “Família é bom para passar o final de semana”. In: Cadernos de Antropologia e Imagem, v.17. Rio de Janeiro:UERJ, 2003.p. 265–279.

GAMA, Fabiene. A auto-representação fotográfica em favelas: Olhares do Morro. Dissertação (mestrado), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 2006. 144 f.

INGOLD, Tim. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano, Ponto Urbe, 3. 2008.

INGOLD, Tim. Antropologia. Para que serve? Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

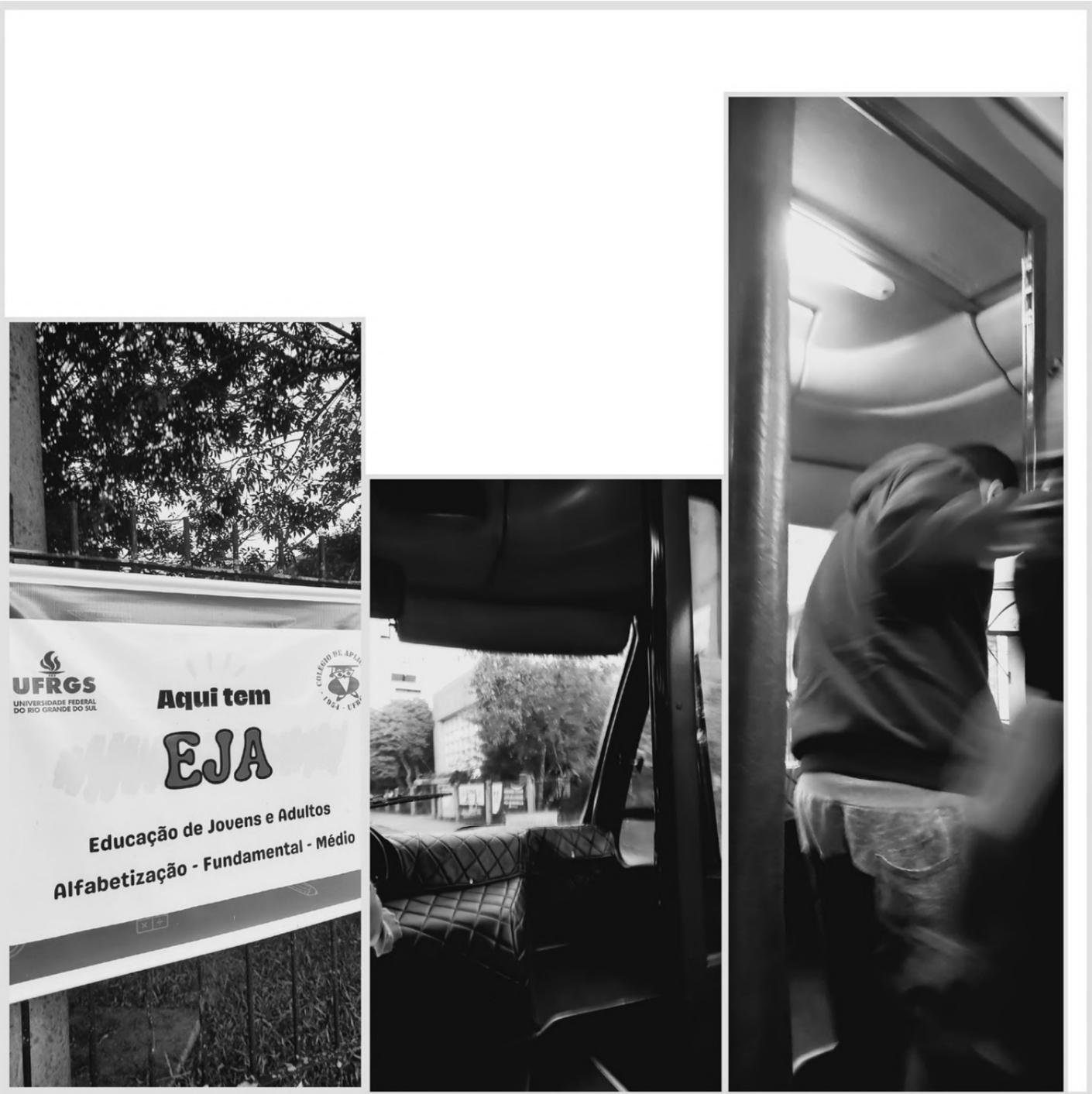
NOVAES, Sylvia Caiuby. A construção de imagens na pesquisa de campo em antropologia. Iluminuras, Porto Alegre, v. 13, n. 31, p.11–29, jul.(dez. 2012).

PINK, Sarah. Doing Visual Ethnography. London: Sage, 2007.

RECHENBERG, Fernanda. Notas etnográficas sobre o retrato: repensando as práticas de documentação fotográfica em uma experiência de produção compartilhada das imagens. Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 3, nº 2/2014, pag. 9–22

³ Como uma forma de devolutiva todas as imagens aprovadas foram enviadas aos e-mails das/dos participantes.

⁴ Sobre as publicações em periódicos, reportagens, exposições, eventos e demais produções fica o convite à visita à rede social do Projeto https://www.instagram.com/imagens_e_retratos_eja/







□/□
○ ○ ○ ○ ○ ○ ○
S T Q Q S S D

Meu Retrato, Meu OLHAR, sentimentos MINHAS MÚLTIPLAS PERSONALIDADES.

TUDO O QUE EU VIVI, TUDO O QUE EU PASSEI

TUDO O QUE NÃO DEIXO DE PASSAR TUDO ISSO QUE EU SOU

TUDO AQUILO QUE NÃO DEIXO DE SER

Me sinto UM SER SEM SENTIDO PROCURANDO ~~meio~~ O DESCONHECIDO

Se até o MAIS FORTE CAI

O MAIS FRACO AQUI CONTINUA

de pé

SEM muita fé, ~~apenas~~ ~~apenas~~

~~o~~ ~~o~~ APENAS VIVENDO, NÃO PROCURE OS SENTIDOS FAÇA VOCÊ O SEU SENTIDO.



data / /
S T Q Q S S D

Fabiana Souza EMI

Foto do sonho de fazer parte do colégio EJA Aplicação, por voltar a estudar e poder realizar meus sonhos.

Essa foto representa pra mim, o caminho certo de novos sonhos, horizontes lindos e com pessoas maravilhosas.

Sonho realizado obrigado EJA

colégio Aplicação.

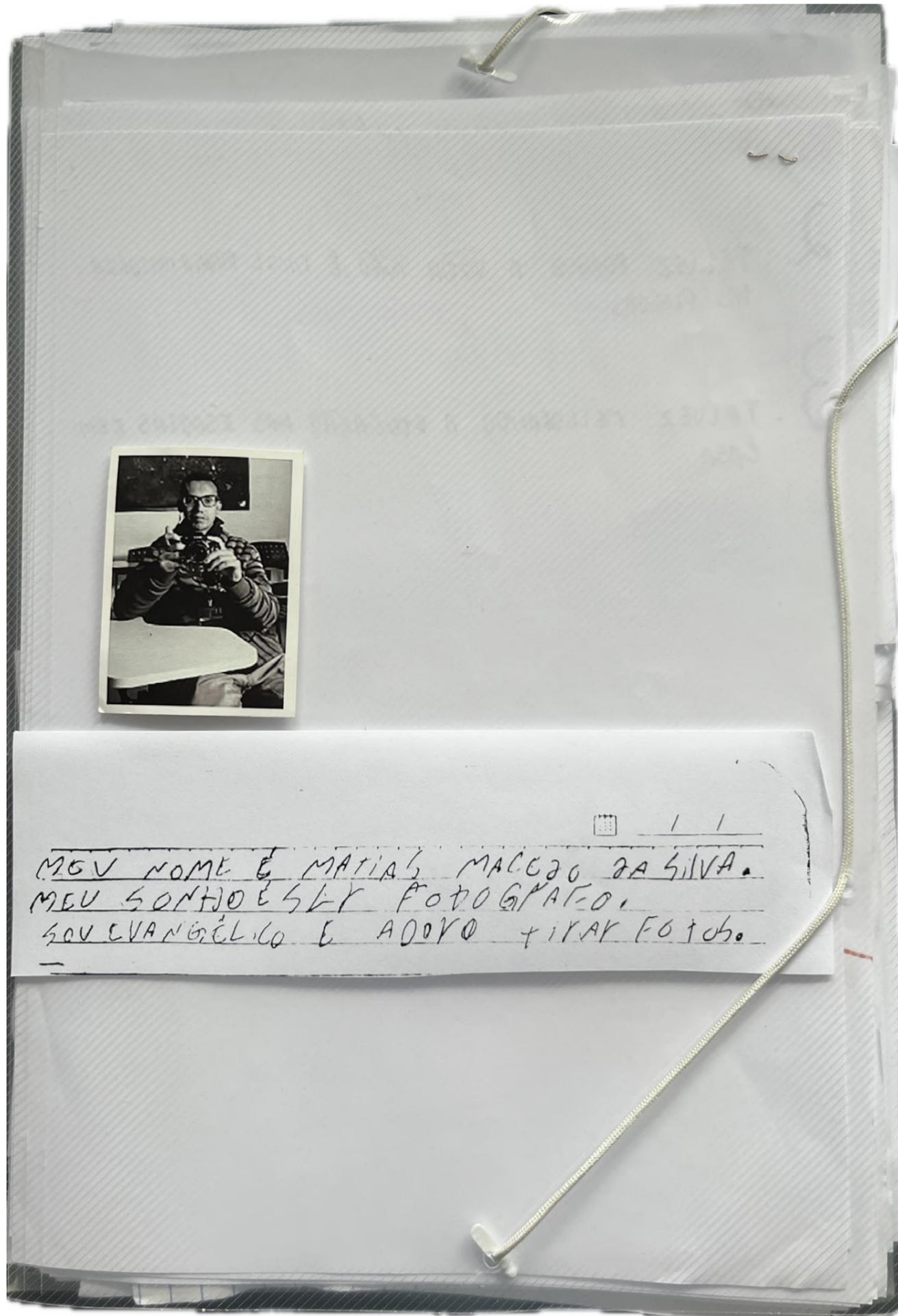


"Um sonho no passado, uma busca no presente,
A vida no futuro"

André Cruz



A foto me representa muitas coisas
como Emoções e me representa o que
Sou como a minha sexualidade, o meu
álbum de fotografia é a Nossa memória,
Nela ficam gravados fotos reais de momentos
Bons e ruins de Nossa vida.



1 1
MEU NOME É MATIAS MACEDO DA SILVA.
MEU SONHO É SER FOTÓGRAFO.
SOU EVANGÉLICO E ADORO TIRAR FOTOS.



Preta, gorda, Linda Barbie Plus Size, Amem
Próprio a tudo.



Anuário 2023 EJA



Anuário 2023 EJA



**Alexandra
Pereira Rosa**



**Andre Luis
Oliveira Silveira**



**Antônio Carlos
de Oliveira**



**Bernardo
Silva Martins**



**Bernardo
Santos da Rosa**



**João Guilherme
Vieira Repetto**



**Joseane
Vaz**



**Jucelia
Alves Carvalho**



**Keteline
Marques Godoi**



**Larissa
Guterres Ribeiro**



**Bruno
Damásio**



**Diovanna
Campos**



**Eduarda Silva
Paulo da Silveira**



**Eliezer
Chagas Nicolau**



**Eloí
Costa Fernandes**



**Leide Margarete
Oliveira Freitas**



**Luis Fellype Silva
Pamela Lopez**



**Maicon
do Nascimento**



**Manoel
de Oliveira**



**Matias
Macedo da Silva**



**Ereni
Alves Baginski**



**Eva Marli
Silva D'Avila**



**Fabiana
Bastião**



**Fabiano Luis
da Rosa Chaves**



**Fernanda
Boanova**



**Nicole
dos Santos**



**Paula
orneles**



**Paula
Guedes de Aiedo**



**Pedro Lavi Perão
Regina Lavi**



**Robertt
dos Santos**



**Francisco
Kreis**



**Gabriel
Ribeiro Nunes**



**Geclarine
Barcelos**



**Jaqueline Lopes
Yasmin L. Dutra**



**Jefferson
Rosa Nunes**



**Sadir
Moreira da Silva**



**Stefani
Guedes de Aiedo**



**Suélen
Trindade Silva**



**Vinícius
Pereira Marques**



**Yasmim
Silveira Oliveira**



O samba em torcidas organizadas: narrativas caminhanter, (sobre) vivências imagéticas que não ganham manchetes

**Samba in organized fan groups: walking narratives,
(about) image-based experiences that
don't make headlines**

Roberto Souza Junior ¹

<https://orcid.org/0000-0002-1391-6750>
<https://lattes.cnpq.br/4580496853520625>
r.alencarjunior@hotmail.com

1 - Antropólogo urbano e audiovisual, pesquisador de torcidas organizadas e escolas de samba. Doutorando e mestre em Antropologia Social (UFSCar), pesquisador associado ao Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade (LELuS-UFSCar), ao Grupo de Antropologia Visual (GRAVI-USP) e ao Pesquisas em Antropologia Musical (PAM-USP). Este trabalho é fruto da pesquisa de doutorado "Da arquibancada à avenida, do futebol ao carnaval: sociabilidades e pertencimentos em torcidas-escolas de samba", financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo- FAPESP, processo: 22/14384-4.

Resumo: Neste trabalho busco protagonizar o samba como uma das diversas sociabilidades e pertencimentos em torcidas organizadas para além das dinâmicas em torno unicamente do futebol. Com isto, e a partir do contexto etnográfico entre Gaviões da Fiel e Mancha Verde, procuro discutir como as listas e inventários de registros visuais podem deslizar de um olhar estático e classificatória, para uma narrativa caminhante com novos atores e significados, antes reduzidos a uma única perspectiva totalizante.

Palavras-chave: Torcidas Organizadas; Escolas de Samba; Sociabilidade; Pertencimento; imagens

Abstract: *In this work I seek to highlight samba as one of the various forms of sociability and belonging in organized fan groups, beyond the dynamics surrounding football alone. With this, and based on the ethnographic context between Gaviões da Fiel and Mancha Verde, I seek to discuss how lists and inventories of visual records can slide from a static and classificatory perspective to a moving narrative with new actors and meanings, previously reduced to a single, all-encompassing perspective.*

Keywords: *Organized Fan Clubs; Samba Schools; Sociability; Belonging; images*

A fotografia tem em seu dom de registro talvez seu maior perigo, a imortalização da representação. Capturar o momento em uma imagem estática pode, ao mesmo tempo, sugerir uma espécie de abertura futura para que aquele lapso temporal seja revisitado, como também o enclausurar ali de tal maneira como se nada mais fosse, além do que apenas aquela representação absoluta do vivido.

Isso pode não parecer um grande problema quando se possui uma câmera fotográfica em casa. Afinal, os registros históricos de família, dos tempos analógicos aos digitais, nos induzem a pensar que todo registro é válido nessa colcha de retalhos do lembrar, a qual buscamos tecer ao longo de nossas vidas como verdadeiras enciclopédias de pertencimentos afetivos. E quando a câmera é nossa, nos esquecemos que todo olhar, mesmo os ilusionados com a neutralidade de listas, inventários e catálogos, possuem um corpo, e que todo registro é antes fruto da perspectiva de quem tem o poder de registrar e classificar (LIMA, 2000).

Mas e se a câmera não fosse nossa? E se os registros e classificações fossem financiados por interesses alheios que tendem a ganhar mais com uma única perspectiva, que nos desumaniza e nos reduz a uma coisa só? Será que então passaríamos a nos importar?

É neste contexto que estão inseridas, sobretudo imagneticamente, as torcidas organizadas de futebol no Brasil. Coletivos múltiplos em suas formas de sociabilidades e pertencimentos, atravessados pela racialidade periférica e socioeconômica das grandes cidades, tensionados por questões de gênero e formas contemporâneas de (sobre)viver às margens. Ainda assim, reduzidos em “listas e enciclopédias” com retratos estáticos de décadas passadas, constantemente retroalimentado pelo interesse midiático em explorar a imagem de violência como estratégia de alcance e lucro.

Desde as já aludidas ondas de violência que agitaram as TO's, sobretudo nos anos 1990, uma das formas responsáveis pela estigmatização, enquanto coletivos violentos e baderneiros, foram as imagens na mídia, que, sistematicamente, sustentaram a dramaticidade das coberturas esportivas e que fixaram no imaginário popular a violência como expressão única dessa sociabilidade, estigmatizando-as como agrupamentos marginais e párias do futebol profissional masculino (SOUZA JUNIOR, 2021, p. 2).

Atualmente a imagem tomou um protagonismo ainda mais visceral em nossas formas de sociabilidade pós redes sociais, e na tarefa de empurrar o céu para cima (KRENAK, 2019) que constantemente parece desabar sobre os torcedores organizados os reduzindo apenas a um grupo violento de machos selvagens e irracionais, as palavras escritas em teses e ditas em congressos parecem pouco ecoar.

Por isto neste ensaio as palavras dizem tão pouco, pois as imagens é que ressoam. Afinal, o universo que tenho vivenciado etnograficamente entre torcidas organizadas nos últimos anos, em nada compactuam com a imagem criada por aqueles que nas últimas décadas no Brasil tiveram o poder da câmera na mão para classificação. O que busco então é demonstrar como a fotografia, sobretudo em contextos etnográficos, pode e deve ter a responsabilidade de tornar os registros estáticos em narrativas que caminham para novos significados e simbologias que não costumam aparecer.

Como grande exemplo disso, pesquiso o samba em torcidas organizadas. O que não é nenhuma novidade, desde o princípio desse modo de torcer, ao menos na cidade de São Paulo, o samba já figurava entre uma de suas práticas mais comuns de sociabilidade, pois também era importante traço racial e socioeconômico de onde surge o modo organizado de torcer. E não demorou muito para que o samba, já em tons carnavalescos, recebesse também seus contornos mais oficiais, fazendo com que muitas torcidas organizadas se tornassem também escolas de samba do circuito de carnaval da cidade¹.

Atualmente as chamadas torcidas-escolas se tornaram também importantes centros comunitários em suas quebradas. Por meio da expansão de suas sedes, com atividades regulares para além do futebol e do samba, esgarçando suas formas de sociabilidades e pertencimentos para o próprio exercício comunitário de lazer e ação social em seus bairros (TOLEDO & SOUZA JUNIOR, 2020).

E a fim de retratar um pouco dessa multiplicidade que não cabem em listas, os registros imagéticos a seguir, nos Gaviões da Fiel e na Mancha Verde (2023 e 2024), deslizam de uma perspectiva literal do caminhar e passam a trilhar um olhar caminhante mais simbólico e metaforizado em significados que, apesar de sempre imersos em disputas, foram ignorados em seu protagonismo imagético de representação difusa dos cotidianos das formas de torcer e sambar nas torcidas organizadas.

Por isso as fotografias a seguir não possuem legendas que as classifiquem, antes são elas um percurso aberto a múltiplos caminhares e perspectivas. Afinal, o que as torcidas-escolas têm apontado é que são elas mesmas as produtoras de suas enciclopédias, e que cabe a nós pesquisadores apenas a atenção suficiente para captar além de nossas formas coloniais de ordenar o mundo.

Aqui, portanto, os registros não são meramente estáticos, mas caminham para uma (sobre) vivência das imagens com significados abertos que não possuem compromisso algum com as já datadas classificações, e sim flutuam numa nova teia de narrativas caminhantes, sobre vivências imagéticas de pessoas e práticas que não costumam ganhar manchetes, mesmo (re)existindo todos os dias a mais de 50 anos.

¹ Por exemplo, no caso dos Gaviões da Fiel, alguns membros já desfilavam nos anos 1970 como uma ala específica no carnaval do Vai-Vai, anos depois a agremiação se torna um bloco carnavalesco independente de bastante sucesso, tornando-se escola de samba ainda no final dos anos 1980. Caminho este seguido anos mais tarde também pela Mancha Verde, além de outras torcidas-escolas.

Referências:

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, Tânia Stolze. Que é um corpo? In: Religião e Sociedade, 2000, n. 22, v. 1, p. 9- 20.

SOUZA JUNIOR, Roberto. Um preto e branco colorido: (des)construindo a imagem de torcedores organizados através da fotografia etnográfica. Pensata, 9(2), 2021.

TOLEDO, L. H & SOUZA JUNIOR, Roberto. Redes populares de proteção: Torcidas Organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19. Ponto Urbe, 26, 2020.

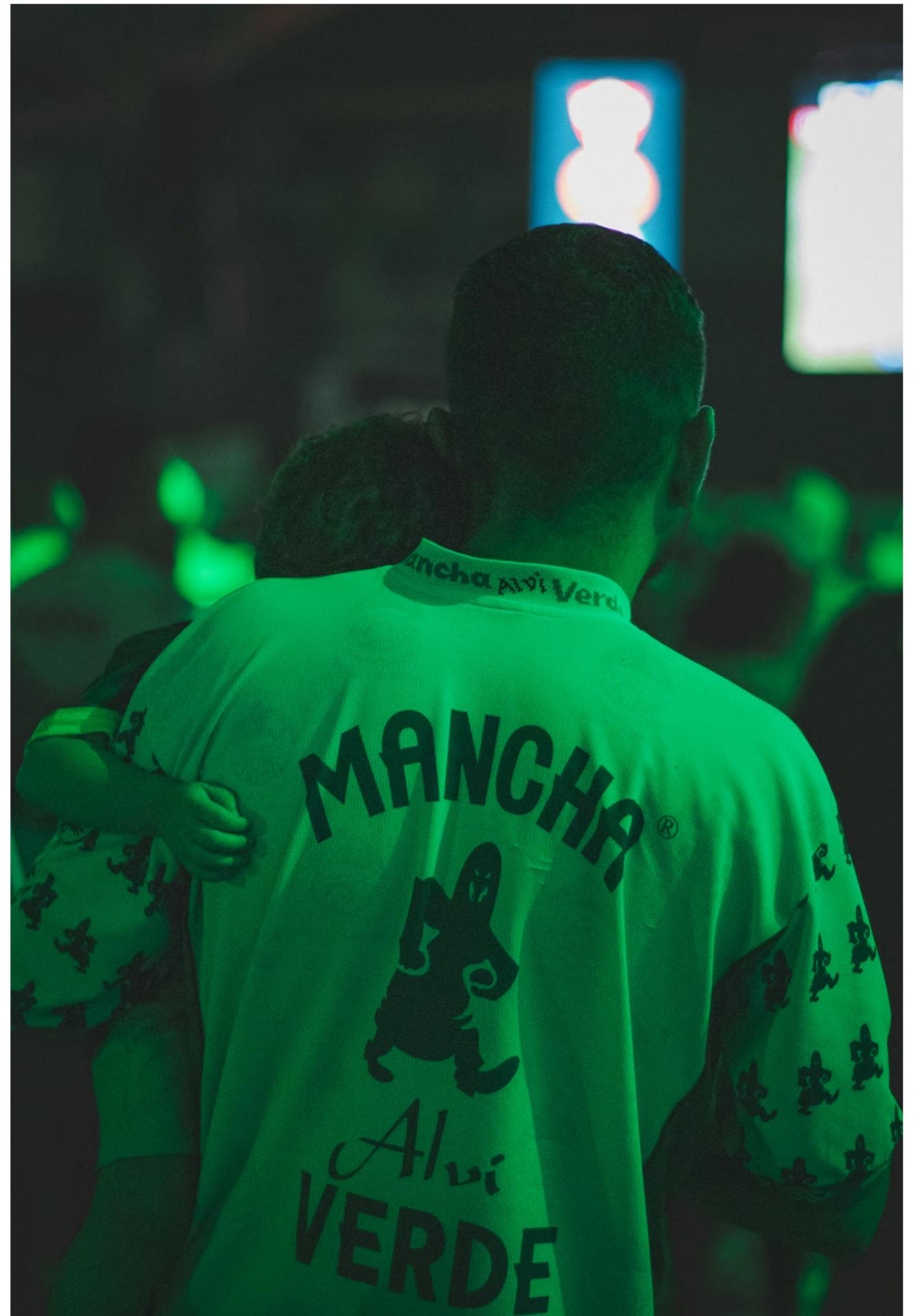


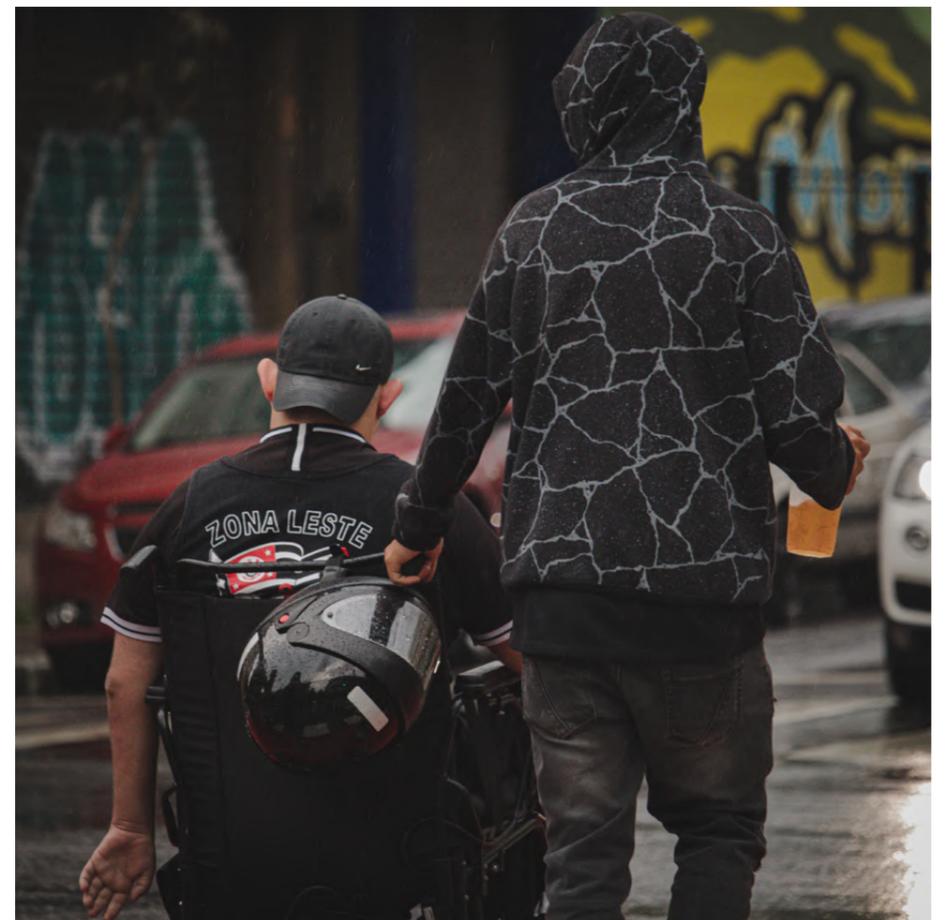












Postales de relocalización

Relocation postcards



Romina Olejarczyk ¹

<https://orcid.org/0000-0002-7911-4523>

<http://lattes.cnpq.br/5613133048275949>

romiolejar@gmail.com

1 - Licenciada en Trabajo Social y Doctora en Ciencias Sociales por la Universidad de Buenos Aires. Magíster en Diseño y Gestión de Programas Sociales por la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales. Se ha desempeñado como trabajadora social en diversos programas habitacionales y de mejoramiento urbano en la ciudad y en la provincia de Buenos Aires. Es Docente en la Carrera de Trabajo Social de la Universidad de Buenos Aires e investigadora adjunta del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), con sede en el Instituto de Investigaciones Gino Germani. Allí co-coordina, junto a María Carman, el equipo “Antropología, Ciudad y Naturaleza” del Área de Estudios Urbanos.

Resumen: En el municipio de Almirante Brown, grupos familiares en riesgo ambiental están siendo relocalizados a viviendas estatales. Este catálogo -que surge de caminatas durante mi trabajo de campo etnográfico- presenta casas-carcasa, demoliciones y escombros en un intento por acercarse a la cuestión de la mudanza como un proceso conmovedor y desgastante; que conlleva múltiples esfuerzos y afectos; que recrea un paisaje de imágenes y sonidos que no pasan desapercibidos para cualquier transeúnte.

Palabras clave: relocalizaciones, riesgo ambiental, municipio de Almirante Brown, cuenca Matanza-Riachuelo

Abstract: *In the municipality of Almirante Brown, family groups at environmental risk are being relocated to state housing. This catalog -which arises from walks during my ethnographic fieldwork- presents "casas-carcasa", demolitions and rubble in an attempt to approach the question of moving as a moving and exhausting process; that entails multiple efforts and affections; that recreates a landscape of images and sounds that do not go unnoticed by any passerby.*

Keywords: *relocations, environmental risk, municipality of Almirante Brown, Matanza-Riachuelo basin*

En el municipio de Almirante Brown, familias que viven sobre la vera del Arroyo del Rey y del arroyo Sarandí están siendo relocalizadas por su exposición al riesgo ambiental. Estas relocalizaciones se realizan en el marco de la política de saneamiento de la cuenca Matanza-Riachuelo en el Área Metropolitana de Buenos Aires. La Autoridad de la cuenca Matanza-Riachuelo (Acumar) es el organismo responsable de articular las políticas públicas para el saneamiento de la cuenca. Se guía por el Plan Integral de Saneamiento Ambiental (Acumar, 2016) y el Protocolo para el Abordaje de procesos de relocalización y reurbanización" (Acumar, 2017). En el año 2010, el municipio de Almirante Brown adhirió al "Convenio Marco para el cumplimiento del plan de urbanización de villas y asentamientos precarios en riesgo ambiental de la cuenca Matanza-Riachuelo" (Acumar, 2010), con 785 familias a relocalizar. Desde el año 2022, y hasta la fecha de elaboración de este artículo, dicho municipio relocalizó a cerca de la mitad de los grupos familiares a un conjunto de viviendas nuevas denominado Barrio Lindo.

Mi trabajo de campo inició en el año 2019. Desde entonces -y exceptuando el período correspondiente a la pandemia de Covid19-, participé en gran parte de las instancias de intervención territorial convocadas por el gobierno municipal y por Acumar. También, entrevisté a vecinos/as afectados/as a relocalización; a funcionarios/as y trabajadores/as territoriales de los distintos niveles estatales involucrados/as.

Caminar por un asentamiento el día de la mudanza es entrar en una compleja trama de imágenes, sonidos, olores. De todas las instancias de intervención territorial que acompañé durante mi trabajo de campo, la jornada de mudanzas es, sin dudas, la más conmovedora. Es un "momento muy fuerte", como escuché decir a una agente estatal años atrás; es un tiempo "fugaz e intenso" (Olejarczyk, 2020). Este es un día clave en cualquier relocalización, porque se transita el pasaje de la vieja a la nueva vivienda, a una velocidad no vista hasta aquel entonces. Es un día ajetreado, que articula a una variedad de actores responsables de distintos aspectos: los que se ocuparon de realizar los relevamientos y están aún ese día resolviendo situaciones particulares; los que se concentran en planificar y ejecutar la demolición de las viviendas una vez efectuada la mudanza; los que trasladan a los animales; las fuerzas de seguridad, que cortan las calles; el personal de salud y el de defensa civil. Todos con sus vehículos correspondientes.

La mudanza es conmovedora porque este pasaje de una vivienda a otra implica un esfuerzo físico enorme para los habitantes de los asentamientos afectados. Los días previos a la mudanza, guardan sus pertenencias y emprenden el difícil proceso de dismantelar sus propias viviendas. QUITAN puertas y ventanas, desarman chapas y maderas de los techos, pues son materiales que pueden donar a algún familiar o amigo o que les puede proveer dinero para enfrentar los gastos de la vivienda nueva. La mudanza es también un esfuerzo emocional. Ese día se despliegan los afectos propios de los procesos de desterritorialización y reterritorialización. Afectos que precisamente los hacen posibles (Hutta, 2020). Luego de ese trabajo de dismantelamiento, podríamos decir también de auto-demolición, las viviendas quedan como casas-carcasa. Y eso es lo que se observa al caminar por un asentamiento que está siendo relocalizado: construcciones con los huecos donde antes se encontraban puertas y ventanas, con el interior de la casa a la vista de todos los transeúntes. Este paisaje se complementa con los muebles y objetos personales sobre la vereda. La vivienda que supo ser "un nido", resguardo

ante las tormentas (Bachelard, 1965), es ahora un espacio abierto. La intimidad pasa a estar a la vista de todos, como los muebles decorados con alguna frase, el escudo de un club de fútbol o alguna foto familiar. Todo, ahora, a la vista de todos. En la vivienda vieja, pero también en la nueva. A la espera de ser entrados y acomodados en el nuevo hábitat. Unas horas después, cuando la mudanza se concreta, las casas-carcasa devienen ruinas y escombros. Y lo último que sucede en la jornada de mudanza, ni bien termina la demolición, es la llegada de otros, que se dedican a la recolección y venta de materiales de desecho, y que no están afectados a la relocalización. Esas ruinas y escombros son un valor para quienes buscan entre los restos materiales vendibles, principalmente metales. ¿Acaso ese hábitat podía ser, aún más, desgajado? Tiempo después, el espacio liberado queda como una colección de ruinas y escombros que hacen de barrera frente a futuras ocupaciones. Devienen promesas de construcción de un espacio público, ya no para habitar, sino para andar de paso. En cada mudanza la misma escena se repite: la destrucción del hábitat autoproducido y la llegada al nuevo hábitat, que espera ser domesticado (Giglia, 2012).

Referencias

ARGENTINA. Acumar. Convenio Marco. http://www.Acumar.gob.ar/wp-content/uploads/2016/12/CONVENIO_2010.pdf. 2010.

ARGENTINA. Acumar. Plan Integral de Saneamiento Ambiental. <https://www.Acumar.gob.ar/wp-content/uploads/2016/12/PISA-2016.pdf>. 2016.

ARGENTINA. Acumar. Protocolo para el abordaje de procesos de relocalización y reurbanización de villas y asentamientos precarios en la cuenca Matanza-Riachuelo. <https://www.Acumar.gob.ar/wp-content/uploads/2016/12/protocolo.pdf>. 2017.

BACHELARD, Gastón, y CHAMPOURCIN, Emestina . La poética del espacio. México: Fondo de cultura económica. 1965.

GIGLIA, Angela. El habitar y la cultura. Perspectivas teóricas y de investigación. México: Universidad Autónoma Metropolitana. Anthropos. 2012.

HUTTA, Jan Simon. Territórios Afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, v. 2, n. 42, p. 63–89. 2020.

OLEJARCZYK, Romina. Tiempos y lugares de la política de vivienda. Buenos Aires: Editorial Espacio. 2020.













Como aprender com as folhas invasoras da reitoria da Universidade Federal da Paraíba?

How to study with the invasive leaves in the rectory of the Federal University of Paraíba?

Candice Didonet¹

<https://orcid.org/0000-0001-5955-919X>

<http://lattes.cnpq.br/9311315710874718>

candicedidonet@gmail.com



1 - Artista professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba. Possui mestrado em Dança pela Universidade Federal da Bahia e bacharelado em Comunicação das Artes do Corpo pela PUC/SP. É doutoranda em co-tutela no Programa de Pós — Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia com a orientação da artista professora Laura Castro. É doutoranda em Estudos Artísticos na Universidad Distrital Francisco José de Caldas de Bogotá sob orientação do artista professor Álvaro Hernández.

Resumo: O que se sente em uma breve caminhada nos arredores da reitoria da Universidade Federal da Paraíba é um espaço arquitetural hostil. Quase não encontramos pessoas em estado de pausa, ócio ou contemplação. Este ensaio apresenta uma coleção de imagens de folhas invasoras que dão a ver uma paisagem vegetal que movimenta a pergunta que intitula este ensaio. As paisagens, aqui consideradas passagens, ocupam uma muralha furando com folhas as existências vegetais para sensibilizações para esta escrita.

Palavras-chave: Estudos Artísticos; Ocupação vegetal; Fotografia.

Abstract: *What you feel on a short walk around the rectory of the Federal University of Paraíba is a hostile architectural space. There are hardly any people in a state of pause, leisure or contemplation. This essay presents a collection of images of invading leaves that reveal a vegetal landscape that drives the question that titles this essay. The landscapes, considered here as passages, occupy a wall piercing the sensitisations for this writing with leaves as vegetal existences.*

Keywords: *Artistic Studies; Plant occupation; Photography.*

Quinta-feira, 25 de abril de 2024. Data que se emaranha na escrita deste ensaio. Quinta-feira, 25 de abril de 2024. Toca o telefone. Após três anos e meio de resiliência, as reitoras eleitas e não empossadas, são reeleitas na Universidade Federal da Paraíba, onde aguarda-se esta posse com alívio e angústia latente. Terezinha Domiciano e Mônica Nobre. Quinta-feira, 25 de abril de 2024. Após a situação de intervenção do professor Valdiney Gouveia não eleito e empossado pelo ex-presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro em 5 de novembro de 2020 a notícia se estampou no site oficial desta universidade. A posse foi às pressas no Hospital Universitário e acompanhada de silenciamento e ocultamento em plena pandemia causada pelo COVID-19. Quinta-feira, 25 de abril de 2024, reaviva a pergunta que paira no ar para muito além desta data: como a democracia sustenta as relações de poder em uma universidade? E como as artes movem práticas libertadoras para a existência democrática?

Aqui mencionamos as artes para pensar as grafias, as fotografias e suas práticas em campos relacionais e situacionais capazes de produzir outros modos de conhecimentos e estudos. Dessa maneira, dialogamos em articulação com outros campos de saberes como a literatura e a educação, além de conhecimentos que atravessam noções e modos de acontecimentos nas práticas artísticas. Estas práticas acompanham as pedagogias engajadas como nos aponta a professora bell hooks (1999), como modos de ensinar e aprender atravessados pela liberdade e autorização de que todas as pessoas, independente de seus lugares, como estudantes, professoras ou reitoras são cultivadoras de plantio de conhecimentos sem compartimentalização.

Algumas pessoas diriam que o fato da reeleição das professoras Terezinha e Monica foi uma reparação histórica. Junto com a democracia, ou as democracias, no plural, as políticas de reparação são igualmente frágeis e as universidades se tornam, cada vez mais, alvos de manutenções de privilégios, hierarquias e poderes. A relação entre a situação de intervenção na Universidade Federal da Paraíba coloca um espectro ditatorial ainda vívido, seja nas práticas de liberdade cerceadas pela educação militar, seja nas práticas que incitam as censuras, parcialidades, perseguições e criminalizações.

A professora bell hooks nos coloca o desafio de caminhar a contar e relatar e, por isso, neste ensaio se retoma diversas vezes a data da reeleição das reitoras na Universidade Federal da Paraíba. 25 de abril de 2024. Um ato de caminhada contínua, antiga e recente especialmente contra a criminalização e perseguição de professores e estudantes nesta escola, um espaço público federal localizado na cidade de João Pessoa. As fotografias apresentam um testemunho e memória da intervenção reitoral nesta escola desde novembro de dois mil e vinte.

Desobedecer para aparecer. As folhas invasoras, em sua vegetal existência, sinalizam tempos impermanentes em que suas condições insistentes e resistentes se cruzam em movimentos de conexão com os muros constantemente pintados e apagados com a cor rosa. Querem tirar o que foi escrito, o protesto. Mesmo que os muros permaneçam descascando e revelando outros tempos. Também a conexão com a arquitetura em suas condições vegetais já transformadas e cerceadas por mãos humanas estabelecem a emergência da resignificação em composições atravessadas por ocupações e confrontos. Folhas invasoras? As folhas dizem de uma diversidade complexa, aqui as folhas reforçam a sua corporeidade de se desprender de seu corpo vegetal, cair e compostar. As folhas invasoras não reduzem a existência vegetal em suas partes,

porém sinalizam a escolha de manter o foco em seu chamamento.

Ao reconhecer as folhas e suas corporeidades vegetais que articulam processos de vida, as reflexões sobre as referências apresentadas respiram os modos de ser e de habitar mundos coexistentes e mais que humanos. Nesta muralha compartilhada, as estéticas das fotografias são apresentadas sem separação com o chão e a fachada em uma rede de relações que se sustentam em conexões e saberes coletivos mais que humanos.

A criança foi categórica: como assim? Mais que humanos? Seriam então extraterrestres? Fiquei surpreso com o questionamento e matutei por que ela recorreu aos extraterrestres como ideia de ‘mais que humanos’ quando eu imaginava professores plantas, sementes, pedras de rio, formigas, pássaros e demais habitantes desse planeta. Quando mencionei que temos que aprender com esses seres e suas escolas, percebi que mesmo em uma criança a crença no humano como ser superior aos outros viventes é bastante forte.” (Simas, 2019, p. 64)

Caminhando como folhas invasoras é possível enfrentar a situação de intervenção política na Universidade Federal da Paraíba. Estes seres apresentam memórias e testemunhos a partir desse processo não democrático instituído na universidade. Para o filósofo Achille Mbembe (2023) é preciso entender a universidade como pluriversidade para sair da divisão entre razão e natureza. As folhas invasoras permanecem e furam espaços onde não são queridas. São um chamamento para outras formas de pensar e estudar. São existências professoras que permitem aprender a partir de seus modos e condutas de habitar.

Referências

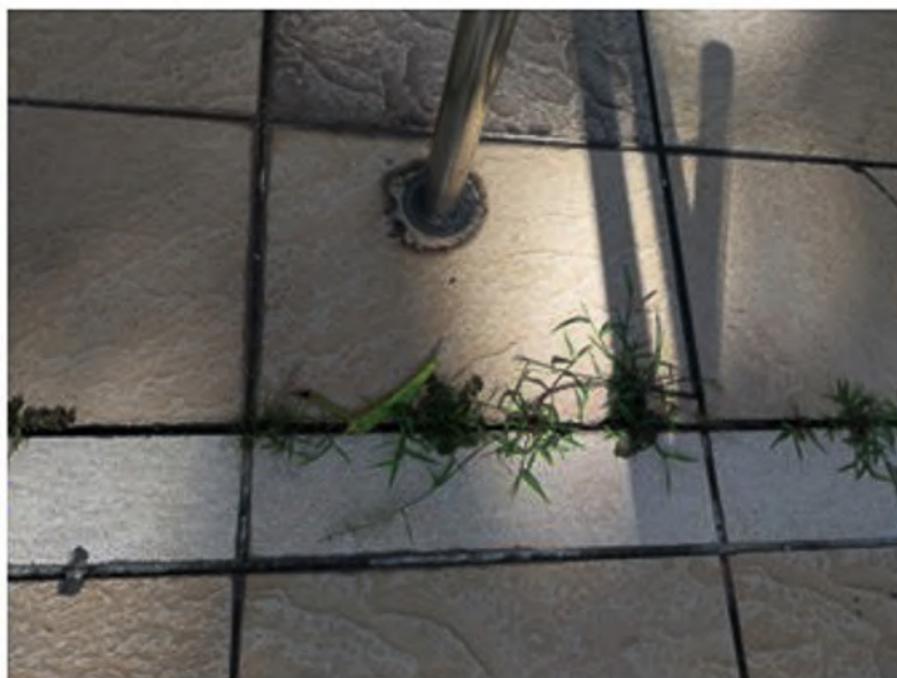
DIDONET, Candice; SOUZA, Jamysson Ian Lima. *Crisis e intervención en la Universidad Federal de Paraíba de Brasil*. 2022.

HOOKS, Bell et al. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, v. 2, 2013.

MBEMBE, Achille. *Descolonizar la universidad*. 2023.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Editora José Olympio, 2019.







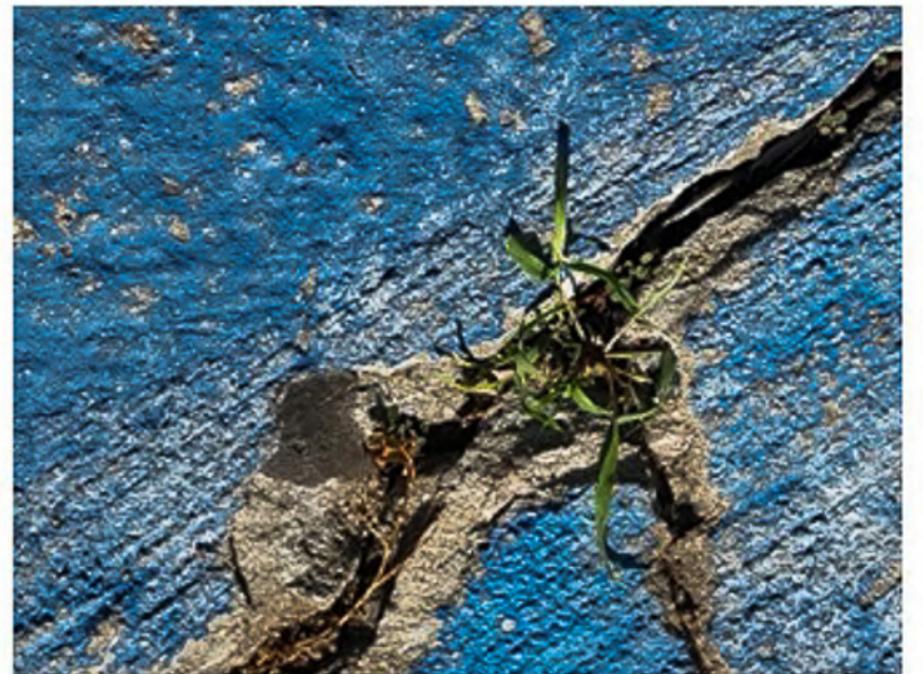












foto
crono
grafias

